

*Ir. Alfano Vaser...
... tão humano*



OBJETIVO

Entre nossos modelos de santidade marista o mais modesto e o menos conhecido é certamente o Ir. Alfano. Ele não tem o prestígio do Padre Champagnat, o Fundador, nem o Ir. Francisco, primeiro Superior geral. Ele não tem a dimensão do Ir. Basilio, superior geral: homem que viveu em nosso mundo depois da realização histórica do Vaticano II, que marcou o mundo marista. Alfano também não tem a glória do martírio. Sua vida foi vivida nas casas de formação desde 1903: Mestre de noviços aos 34 anos, em 1907, e aí passa 15 anos. Depois foi Diretor do escolasticado durante 16 anos. Situação modesta, que deveria ser propícia a um religioso cujo ideal era a vida oculta numa família religiosa onde a humildade é uma das características.

Entretanto, não é raro se ouvir dizer: “Irmão Alfano é certamente um santo, mas de um outro tempo, de um estilo de santidade fora de moda, baseada na observância minuciosa da Regra, na ascese e na oração com expressões que, para nós, perderam seu atrativo”. Isso é verdade!



Esse é um dos aspectos da santidade do Irmão Alfano, mas está longe de ser o mais importante. Nele encontramos uma humanidade totalmente cheia da bondade de Deus. Seria preciso reabrir o livro *Pane di casa nostra*¹ para se convencer disso: muito frequentemente aparece nele uma humanidade feita de grande atenção aos outros, desse amor que é a essência da santidade..

A leitura de suas cartas e muitos testemunhos nos colocam em contato com um Irmão que era sensível, inteligente, atento aos outros, de uma gratidão natural e generosa, de um sentido de responsabilidade muito aguçada, de um coração que se mostra povoado de pessoas e de problemas, sobretudo quando se voltava para o Senhor e para a Virgem Maria. Irmão Alfano é um homem totalmente impregnado de Deus, para ele fonte de paz e de sabedoria, a paixão de sua vida.

Com freqüência somos tentados a copiar suas cartas tanto elas são reveladoras de um santo. Através delas surge o *Outro Alfano*, um místico de profunda humanidade, muito próximo, muito atento e fiel às amizades. A bondade de Deus, que frequentemente ele chama de “a benignidade de Deus”, brilha no seu coração, ilumina e aquece os outros.

¹ *Pane di casa nostra* é uma biografia do Ir. Alfano, editada em Nápoles, em Francês, Inglês, Espanhol, Português e italiano. É um livro de 48 páginas.

AS CARTAS

Nós dispomos de 263 cartas originais do Ir. Alfano, de duas circulares aos Irmãos, de seu testamento, de notas, reflexões e das listas de noviços. A maior parte desse material se situa nos dez últimos anos de sua vida: 1933-1943. A carta mais antiga data de 1899, e a última, do final de 1942. O Ir. Alfano não deixava nunca uma carta sem resposta, mesmo se, por vezes, reconhecesse ser “vagaroso” nas respostas.

As cartas enviadas à família são em número de 101. O grupo mais compacto é composto por aquelas escritas ao seu irmão Sandro², 86. Seu irmão Pietro morre bastante cedo, em 1926. Recuperamos 12 cartas que lhe haviam sido escritas. Uma carta é destinada à sua mãe. Sua irmã Catarina recebeu várias cartas, mas temos apenas uma delas.

151 cartas são endereçadas a diversos Irmãos: antigos noviços que partiram para a Argentina e, sobretudo, seus dois sobrinhos: os Irmãos Antonio Giuseppe, 26 cartas, e Carlo Borromeu, 34 cartas. O Irmão Emery, Procurador geral e seu grande amigo, recebeu pelo menos 20 delas; o Irmão Avit, Secretário geral, 5; o Superior geral, Irmão Estratônico, uma.

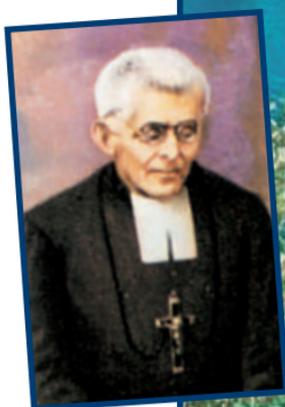
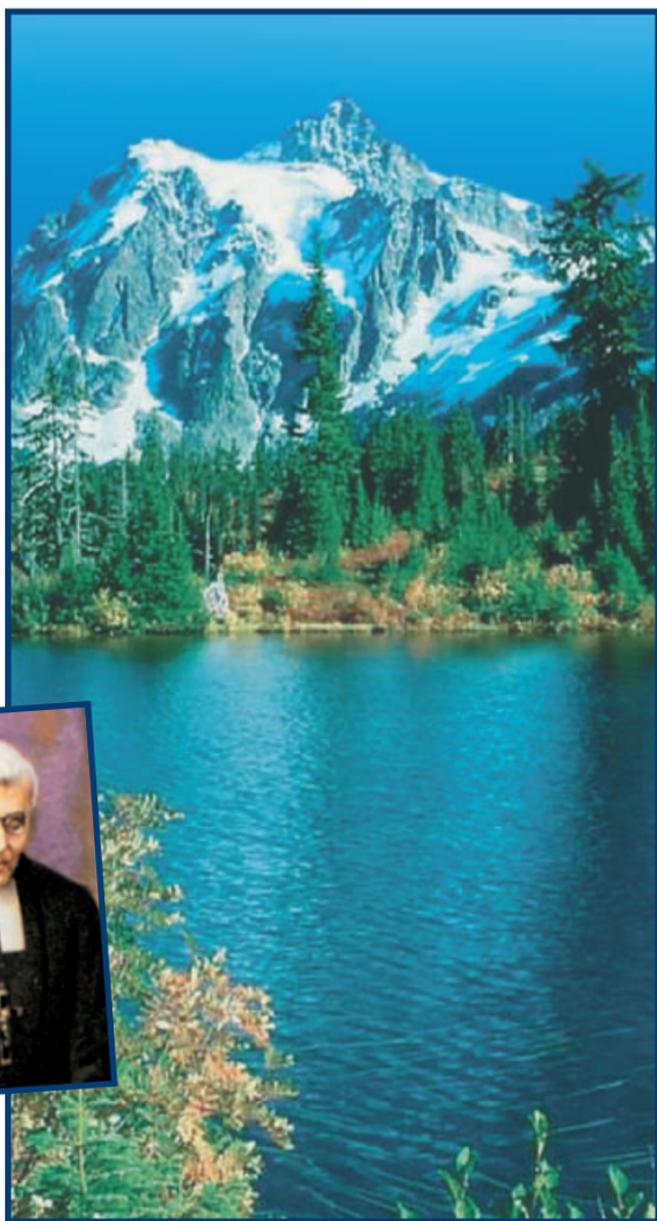
Três cartas são endereçadas à professora de Hône, cidade natal do Irmão Alfano, que ajudava a descobrir vocações maristas.

Há também ricas reflexões que o Ir. Alfano escreveu para o Capítulo geral de 1920, e muitas notas, assim como 8 listas anuais enviadas ao Irmão Superior geral sobre o noviciado, as quais revelam um Mestre cujo olhar penetra os caracteres e os corações. O que ele escreve sobre os jovens é rico de fineza psicológica e de bom senso.

² Alessandro, (Sandro) teve seis filhos, dos quais 5 se tornaram Irmãos Maristas: Antonio Giuseppe, Carlo Borromeo, Pietro Giuseppe, Carlo Emilio e mais tarde, Giorgio. Somente Zenone se casará. Os filhos de Pietro se estabeleceram em Paris, e os laços se distanciam.



A maior parte das cartas tem quatro páginas de uma escrita bem legível. Elas permitem um contato edificante e agradável, pois se trata de um espírito fino, em meio ao cotidiano da vida e do coração. Encontramos um homem que logo cedo se pôs a caminho da santidade e a ele permaneceu fiel.



PRIMEIRA PARTE: Alfano ao longo das cartas

1. O ESTILO

Suas cartas apresentam uma escrita regular, clara, segura, precisa, onde dominam as formas redondas e os traços curtos. Elas denotam uma sensibilidade envolvida de cuidados e modéstia, assim como uma tranqüila clareza de espírito. Praticamente não encontramos quase erros nem rabiscos sobre centenas de cartas escritas à mão. A escrita do Irmão Alfano evoluiu bastante. Nas primeiras cartas de 1899, ela é fina, pontuda, com letras enfileiradas e longas, sinal de uma sensibilidade não ainda controlada. Ele vai evoluir para letras mais redondas, mais curtas, mais suaves e regulares.

A leitura dessas cartas deixa a impressão de que estamos diante de um homem tranqüilo e límpido. Essa impressão vem também da qualidade da sua escrita, da clareza das suas frases em um rico italiano, por vezes rebuscado, mas sempre fluido, da bondade dos seus sentimentos, como também da presença constante da sua fé:

« Eis-me forçado a repousar bastante e a trabalhar cada vez menos. É necessário pagar a dívida à natureza da maneira como quer a Providência: não há de que se preocupar, »
pois estamos em boas mãos.

20-12-1936



Quando ele escreve à sua família, nunca usa reflexões complicadas ou profundas. Utiliza uma linguagem corrente, de fórmulas conhecidas, demorando-se sobre pontos interessantes da vida cotidiana: o tempo, os campos, as colheitas, a saúde dos membros da família, a alegria dos novos nascimentos... e sempre o carinho e a gentileza das almas nobres. O Irmão Alfano escreve em um italiano fluido, expressa os sentimentos de uma pessoa sensível, inteligente e que, por natureza, está cheia de gratidão e admiração.

As cartas que o Irmão Alfano escreveu aos seus quatro sobrinhos maristas, ou aos Irmãos, adquirem um aspecto religioso mais acentuado, insistindo com pessoas consagradas a Deus sobre a necessidade de fazer da vontade Deus a coisa mais importante de sua vida. Mais profundas, porque escritas a religiosos, elas perdem um pouco da leveza e da simplicidade que faziam o charme das cartas escritas a seus irmãos e seus sobrinhos Zenone e Giorgio, homens do campo, sem muita cultura. Alfano sabe se adaptar, e aqui aparece o mestre espiritual. O estilo, no entanto, permanece simples:

« Como você vê, com você, assim como com seus irmãos, eu me permito de deixar de lado as formas protocolares. Entre os religiosos é o sentimento de caridade, de franqueza, de estima respeitosa e o desejo de fazer o bem que devem guiar »
nossos escritos.

22-1-1940

Esta carta à mãe, de 17-2-1900, contém nove folhas. Ela foi redigida em francês.

Querida mamãe,

Depois desse trágico acontecimento que se abateu sobre nossa casa (a morte do pai), e sobre o qual não quero absolutamente falar, mas apenas recomendar as lembranças dos nossos defuntos, pois é um dever de todos os seus filhos (e meu dever especialmente), e lhe consolar através de nossas palavras e nossa terna afeição por você. Queremos fazer tudo para torná-la feliz, tanto quanto seja possível e que você mesma possa desejar. Nesse sentido, para vir em ajuda dos meus dois irmãos que estão especialmente encarregados de você, e mais particularmente ainda aquele com o qual você deseja ficar permanentemente, estou disposto a renunciar a tudo o que poderia receber como renda vitalícia, em seu favor, durante toda sua vida que, queira Deus, seja muito longa. Um dos meus maiores desejos é de amar e de me sentir amado, sobretudo pelos meus parentes mais próximos.

Querida mamãe, eu gostaria de poder enviar algum presente bonito, mas não tenho nada que possa lhe convir: então lhe enviarei através de Pierre somente um terço (o meu); ao recitá-lo você pensará um pouco em seu Joseph e o recomendará ao bom Deus, à Santa Virgem e a seu santo patrono, São José.

Querida mamãe, se você deseja se manter com saúde, use flanelas ou camisas de lã; eu fiz uma excelente experiência com isso e a aconselho a todos que são um pouco fracos, sobretudo para se prevenir de súbitas baixas de temperatura.



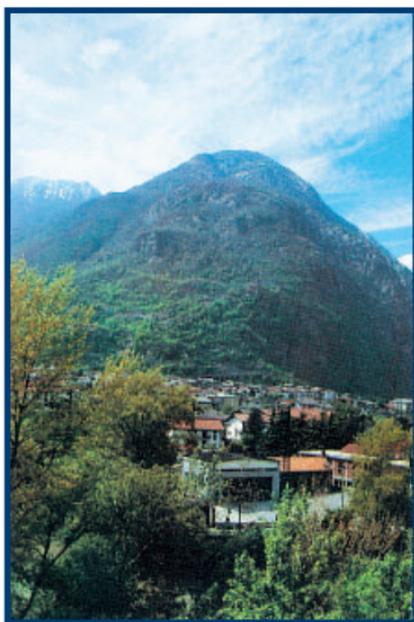
*Reze por mim, como eu rezo por você. Saúde afetuosa-
mente os tios Jean, Georges, as queridas tias, sobrinhos
e sobrinhas, como também o tio Joseph.*

*Nunca se poderá dizer que seus filhos tenham sido pouco
reconhecidos por tudo o que você fez e sofreu para educá-los,
alimentá-los, dar-lhes o necessário e educá-los na fé cristã.*

*Mamãe, saiba que sou mais do que nunca um dos seus
filhos mais queridos; ame-me muito e me guie para o céu.*

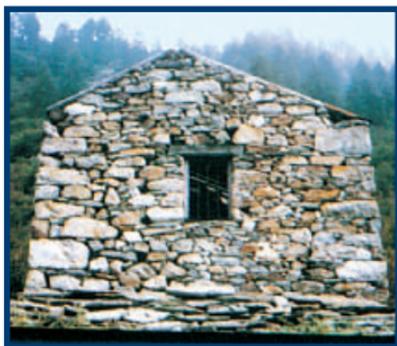
*Termino, pois são quatro e meia da manhã, e devo acor-
dar a comunidade.*

*Receba os abraços do seu filho querido. Abrace por mim
as crianças da casa.*



*Hône: no alto, à direita, a encosta
onde aparece Biel.*

*Salasin, casa de montanha
onde nasceu o Irmão Alfano.*



2. A AFEIÇÃO

A afeição, a delicadeza, a gratidão estavam muito presentes nas cartas do Irmão Alfano:

« *Eu li com grande prazer sua bela epístola que você me enviou por ocasião das festas de Páscoa. Digo epístola porque foi uma longa carta. E digo "bela", porque além de estar cuidadosamente escrita, ela está cheia de palavras de entusiasmo, de pensamentos poéticos, de sentimentos generosos que me comoveram. Bravo!* »

Ao Ir. Carlo Borromeu, 2-4-1931

Quando ele escreve à família de Sandro, as palavras que demonstram interesse, atenção, cordialidade, alegria, amizade estão presentes em todas as cartas. Ele recorda todos os membros da grande família e se diz interessado pelos seus trabalhos do campo: a semeadura, as vindimas, a colheita, o bom tempo, as chuvas, as inundações.... Descobrimos um homem que não esquece nada de sua terra natal, e mantém por ela um grande carinho o qual manifestava com freqüência. Ele evoca as belas paisagens do Vale de Aosta, as montanhas, os vales. Mesmo em Roma preferia as colinas em torno da Cidade Eterna a seus museus.

Com freqüência ele estava como que na expectativa de uma visita de família e fala dela com alegria. Para ele os laços de família são fortes e sagrados. Confessa ao seu irmão Alessandro:

« *Sinto que, na medida em que os anos passam meu afeto está se concentrando em você de uma maneira mais intensa, visto que os vazios se tornam mais numerosos entre os parentes. (Seu irmão Vietro havia morrido subitamente). Cuide da saúde, esteja atento a você mesmo, que seja feliz. Adeus!* »

25-10-1926



O início das cartas a seu irmão é sempre: “Sandro mio carissimo!” (Meu querido Sandro), que em italiano expressa o afeto profundo que se tem pelos seus. Atento àqueles que fazem parte da família, ele os lembra de cuidar da saúde “que é um tesouro de primeira grandeza”. Com frequência dá conselhos para proteger a saúde ou para recuperá-la. Seu irmão Pierre está se recuperando de uma doença. Ele lhe diz para ficar atento, para se cuidar, tomar purgantes leves para purificar o sangue, “tudo fazer com calma, lentamente, um pouco cada vez, assim tudo terá bons resultados”. Ao seu irmão Sandro, em 26-10-1926, recorda:

« *“Você não é mais um adolescente e, portanto, deve estar atento no seu trabalho. Agora o frio chegou; descanse alguns meses. E depois, não está lhe faltando nada. Portanto, calma, calma!”* »

25-2-1926

« *“A primavera começa a se mostrar. Para você e para os seus haverá um acréscimo de trabalho. Mas esteja atento para se proteger em tudo, mantenha-se prudente. Quem muito abraça, pouco aperta, diz o provérbio.”* »

20-2-1927

Esse conselho de cuidar bem da saúde é muito freqüente, sincero, motivado também pelo fato de que ele mesmo sabe o que é ter uma saúde delicada. Ele teme as viagens muito longas:

« *“Não sou nem forte nem robusto; durante as viagens eu não consigo me alimentar e se chegasse em casa cansado ao ponto de cair de fadiga, isso me faria sofrer muito.”* »

Alegra-se espontaneamente com toda boa notícia e chora, junto com os seus, com aquelas que são más, sentindo a dor no mais profundo do seu coração.

Sua afeição, sua amizade, sua fraternidade têm a transparência da sinceridade; elas estabeleceram uma morada em seu coração. Por ocasião da morte do Ir. Raffaele, (verão de 1937), que era visitante da Itália, ele escreve ao Ir. Teofânio, na Argentina:

« Não posso lhe dizer da dor imensa, da tristeza que tomou conta de mim em razão do desaparecimento inesperado e imprevisível do Ir. Raffaele. Não sei como sobrevivi ao choque, humanamente falando! »

18-8-1937

Inicia sua carta de resposta ao Ir. Martino Zimei, diretor do juvenato de Gassino:

« As felicitações que você se dignou me enviar são muito gentis, afetuosas e verdadeiras, e para que eu não fique muito lisonjeado, obrigado-me a lhe dizer que não merecia tanta atenção. Mas aceito sempre a atenção de um bom coração e o apoio das orações. »

21-12-1931

Encontramos o mesmo tom nas cartas ao seu irmão Sandro. Ele começa assim, aquela escrita em 6 de maio de 1928:

« Seus filhos me dão a ocasião de lhe enviar uma saudação afetuosas: eu a faço com prazer, imediatamente e de todo o coração. E saúdo também com afeto Anastasia, Giorgio e Lenone! ».

“Eu lhe vi duas vezes em Vintimília, mas furtivamente: portanto, é legítimo o desejo de revê-lo e ter tempo para conversarmos à vontade. Isso nos rejuvenescerá um pouco. E terei o prazer de conhecer os novos lugares onde você se estabeleceu. Se a Providência o permitir, irei na primeira oportunidade que surgir. »

18 de junho de 1928



Com efeito, ele passará duas semanas na casa do seu irmão Sandro, em Tayrac, perto de Agen. De regresso, escreve uma longa carta onde conclui assim:

« Obrigado a todos pelas gentilezas e atenções que tiveram para comigo ». Sim, agradeço a todos: Sandro, Anastasia, Giorgio e Zenone. Recebam também as mais afetuosas saudações de Domenico e de Filippo que lhes enviam também mil abraços de todo o coração. Sempre seu, e com todo afeto no coração de Jesus. »

31 de agosto de 1928

Com freqüência, na parte final de suas cartas encontramos a fórmula: “Sejam todos felizes no Senhor!” A carta de 22-12-1928 terminava assim:

« Meu caro Sandro, termino reafirmando meu grande afeto por você e saudando e abraçando calorosamente todos os seus.

“Fiquem na paz e na alegria do Senhor. Tenham todos muita atenção à saúde. Este conselho é sobretudo para você Sandro, e para Anastásia, porque com os anos nos tornamos mais sensíveis às mudanças de estação. »

29 de março de 1929

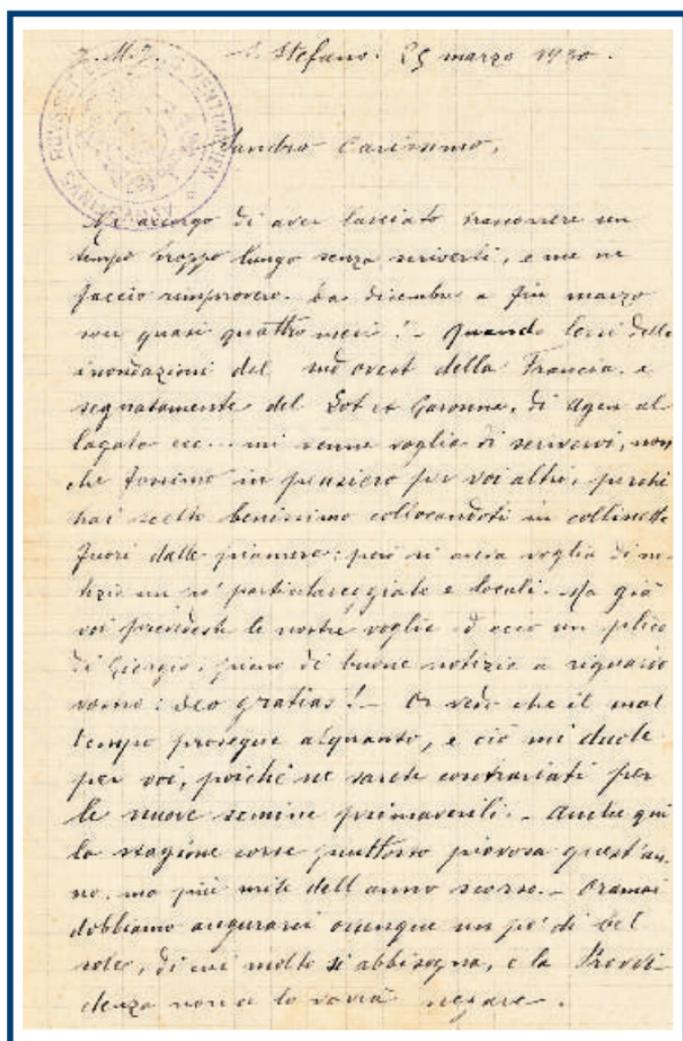
“Nos corações de Jesus e de Maria” torna-se a fórmula de conclusão de quase todas as cartas dos últimos anos de vida.

E depois, cada um, todos os dias, está presente em sua oração. Quando reza ele tem como hábito recordar todos os seus parentes para recomendá-los a Deus, e como ele mesmo confessa, faz isso “várias vezes durante o dia”.

« Eu não posso rezar continuamente por você, por seus irmãos, por seus coirmãos e particularmente pelos super-

iores como deveria. Minhas pobres orações, mesmo se são numerosas e longas, o Senhor sabe de que miserável eficácia elas são. E, no entanto, as necessidades imediatas do Distrito, do Instituto, da Igreja, de toda a sociedade me levam sempre mais a implorar a misericórdia do Coração de Jesus. »

Ir. Carlo Borromeu – 8-7-1937





J.M.J.
Santo Estevão

25 de março de 1930

Querido Sandro,

Eu me dou conta de que deixei passar um longo tempo sem lhe escrever, e lamento por isso. De dezembro até março são quase quatro meses.

Quando li a respeito das inundações no Sudeste da França e mais particularmente na região do Lot-et-Garonne, da cidade de Agen sob a água, etc., senti necessidade de lhe escrever. Não é que estejamos preocupados com vocês, pois você soube escolher seu lugar sobre as colinas, fora das planícies, mas gostaríamos de ter notícias precisas. Agora vejo que o mau tempo continua; isso me deixa preocupado com você, porque vai causar problemas para semear durante a primavera. Aqui também a estação foi muito chuvosa este ano, porém mais clemente do que no ano passado. Agora devemos esperar um pouco de sol, do qual temos grande necessidade, e a Providência não nos recusará isso.

Fiquei feliz por saber que você construiu uma bela adega em melhores condições de solidez e de temperatura do que aquela que você havia pensado inicialmente. Assim você poderá conservar o vinho em boas condições e vender o excesso no momento ideal. Eu me alegro também pelas boas notícias a respeito da colheita do ano passado e pela próxima sementeira que você pensa fazer. Com a ajuda da Providência, mesmo as chuvas abundantes poderão lhe ser vantajosas para o jardim e os legumes, para as batatas e o milho, e antes disso para o feno e depois, talvez, para o trigo.

Alegro-me em saber que você pensa em fazer uma peregrinação a Lourdes para compensar a falta de vida religiosa da qual você sofre. Esperamos que este ano você também tenha a visita de algum missionário italiano, como no ano passado.

Meu querido Sandro, esforce-se para permanecer com boa saúde e feliz; saúde por mim muito calorosamente Anastásia, Giorgio e Zenone, e também os outros amigos que tive a oportunidade de ver em sua casa. Mantenho sempre o desejo de uma outra visita, quando for do agrado da Providência. Aqueles dias passados em sua casa com você e os seus, num lugar de uma paz e de uma tranquilidade maravilhosas, foram verdadeiramente agradáveis para mim.

*Adeus! Com todo afeto.
Dr. Alfano.*

3. A AFETIVIDADE INVADE O PARÁGRAFO FINAL

O parágrafo final da carta é, por vezes, constituído de uma longa lista de pessoas às quais o Ir. Alfano envia saudações fraternas. Essas listas fazem pensar em São Paulo quando envia suas saudações às pessoas que ele conheceu em Roma. O coração do Ir. Alfano é grandioso e suas amizades são sinceras, delicadas, duradouras. Muitas vezes, no entanto, não se trata de um parágrafo final, mas de vários para reafirmar seu afeto, sua gratidão, sua fidelidade na amizade com uma



insistência delicada e inteligente. A leitura de suas cartas nos dá a impressão de uma alma muito nobre e ao mesmo tempo de um amigo agradável e delicado. Muitas das suas cartas deixam transparecer que a oração do Ir. Alfano é plena de intenções pelas pessoas; ele se dirige ao Senhor levando em seu coração os pais, os antigos noviços, os antigos alunos, os amigos, os irmãos que partiram em missão, os superiores. Em 1917, durante a primeira guerra mundial, ele escreve ao Ir. Teófono, seu antigo noviço, na Argentina. Na carta, em um longo parágrafo enumera o nome dos irmãos da Província que participam na guerra, seja na França, seja na frente italiana. Ele cita até quarenta nomes, muitas vezes com sua graduação e seu destino: nas trincheiras, prisioneiros, feridos ou mortos em batalha... (1º de outubro de 1917), carta ao Ir. Teófono). Na mesma carta ele diz:

« *Procuro encorajar nossos soldados com cartas e tento fazer entrar em seus corações e em suas almas as motivações religiosas.* »

Depois de mais de trinta anos de haver deixado o colégio São Leão Magno, o irmão Emery faz alusão aos seus antigos alunos. Na resposta, o Ir. Alfano lembra os nomes de 26 dos seus alunos, muitas vezes com traços que os caracterizam, a situação da família, pequenas histórias da vida do Colégio. O irmão Alfano nunca se dirige a Deus como um solitário: a intimidade com Deus está plena de pessoas, de situações, de problemas e de alegrias humanas. Ele possui a memória de um coração que reza e vive intensos momentos de humanidade.

Debruçados diretamente sobre as cartas

As cartas deixam transparecer o grande afeto recíproco entre a família de Sandro e o Ir. Alfano. Seu sobrinho, Zenone, está pensando em se casar e abre o coração ao tio que lhe escreve em 28-12-1934:

« Quanto ao teu casamento que se aproxima, estou totalmente de acordo. Vejo que você se comporta como um bom filho, um bom cristão e como um homem de juízo: você refletiu, você rezou, consultou aqueles que lhe querem bem. Não há dúvida de que Deus abençoará seu casamento e dará a você e à Marguerite abundantes graças para realizar os deveres de família. A partir do momento em que seus pais estão contentes, fico mais tranquilo. Ninguém melhor pode lhe aconselhar sobre essa questão que os excelentes pais que você tem. Portanto, tudo está bem. Agora compreendo melhor a »
necessidade que você tem de aumentar a casa.

Nesta mesma data ele escreve a outro sobrinho, Giorgio:

« Cada um dos seus escritos me causam muita alegria, porque ditados por um coração reto e afetuoso. Não deixo de pensar em você, em seus pais maravilhosos e em Zenone »
todos os dias e várias vezes por dia, porque meu coração lhes quer muito bem.

Quando recebe a visita de Zenone com sua esposa Marguerite, escreve a seu irmão Sandro:

« Você não pode imaginar a alegria que tive ao rever Zenone, que não via há sete anos, ao mesmo tempo em que conheci sua esposa, Marguerite. Eles estarão de retorno amanhã, depois de uma longa viagem pela Itália. Eles »
guardarão uma recordação para o resto de suas vidas.

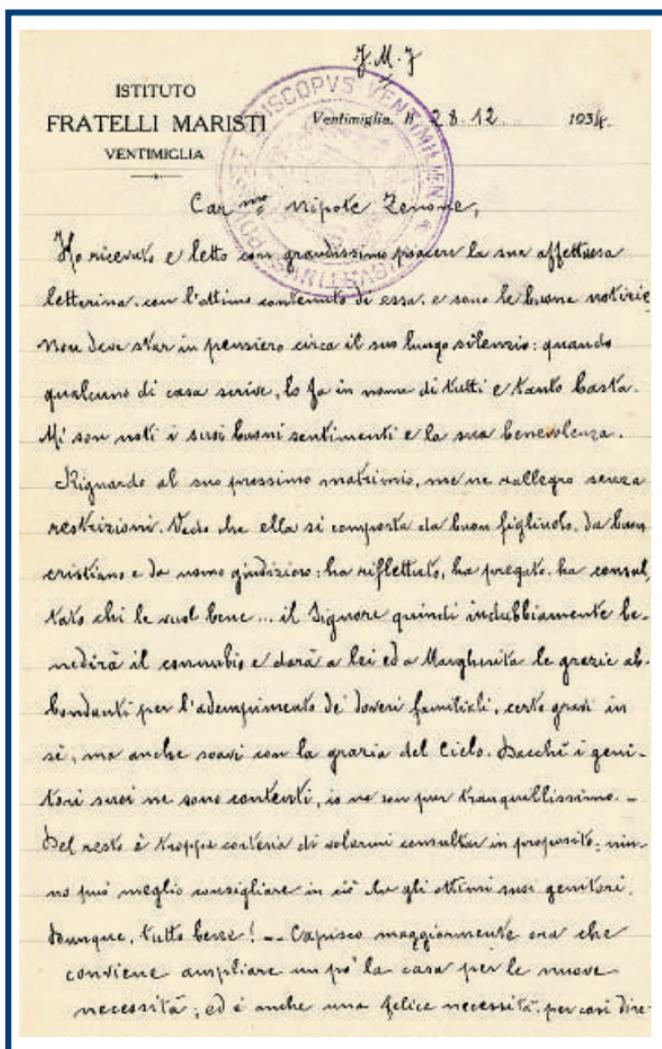
16 de março de 1935



De Tayrac informam ao Ir. Alfano que uma criança nasceu na família de Zenone e Marguerite. Ele lhes escreve:

« Alegro-me com todos vocês pela bênção que o Senhor enviou à casa de vocês, dando à Marguerite e a Zenone um pequeno anjo, nascido para a vida sobrenatural da graça, e feito cidadão do céu no belo dia da Imaculada. »

5-1-1936



4. UM HOMEM CORDIAL E PRÁTICO

Alfano é um homem prático, sobretudo quando se trata de saúde ou de pedagogia. Ao Ir. Carlo Borromeu, seu sobrinho, escreve em 10 de outubro de 1938:

« *Várias vezes eu procurei me informar se você havia aumentado de peso depois do mês de julho, e tive a confirmação que há um pouco de progresso. Fico contente por isso, mas não se pode contentar com tão pouco. Você necessita continuar reforçando os músculos, porque seu sistema nervoso ficou muito abalado nesses últimos anos, pelos motivos que você conhece. E para progredir na escola e fazer isso com alegria, é necessário reconquistar o equilíbrio físico e a serenidade intelectual. Você deve, pois, manter como um dever muito importante o de se alimentar bastante. Não deve privar o estômago, pois você necessita se tornar mais robusto para realizar tudo o que Deus lhe pede. Você entende?* »

Em uma carta precedente ele lhe dava conselhos pedagógicos:

« *Você vai se dar conta muito rapidamente de que as crianças sabem bem menos do que você imagina, e que é preciso questioná-las com freqüência, para que elas fiquem atentas, para ajudá-las a refletir e as estimular. Da sua parte, fale pouco e nunca eleve a voz; você também conhece o ditado: “É muito pouca coisa o que o mestre faz, pois o mais importante é o que conta é o que fazem os alunos”. No catecismo também: não faça sermões, mas explicações breves, claras, que venham do coração.* »

12-10-1937

A seus amigos diz para que nunca cometam imprudências ascéticas:

« *Como não vejo que você seja um colosso, não cometa imprudências, não se prive do sono, nem da alimentação*



substancial. Além disso, na escola, fale com voz moderada e sobriamente.

Ir. Ugo Roberto,
25-12-1938

“Nunca fale alto na sala: tudo ganha com isso: a saúde do professor, o progresso e a disciplina dos alunos.

13-10-1938

“Tenha cuidado com sua saúde: quando estiver dando aula, fale devagar, senão terá problemas!”

Ao Ir. Giustino, na Argentina,
24-12-1910

Encontramos outras vezes esse conselho entre seus princípios pedagógicos:

« Na sala, falar pouco, o menos possível, punir pouco e encorajar muito, chegar à sala sempre bem preparado, tomar cuidado, sobretudo, com os últimos, e rezar com frequência por eles. »

Ele se dá conta de que o Ir. Visitador tem a saúde frágil, e lhe dá conselhos de viva voz e escreve ao Ir. Ecônomo de Roma para que o convença a ir visitar um médico e de seguir suas prescrições. Existem muitos casos de tuberculose entre os jovens, assim diz ao irmão Superior geral que existe a necessidade de uma enfermaria apropriada. Em quase todas as suas cartas que escreve ao seu irmão Sandro, já o vimos, ele lhe diz para cuidar da saúde, para deixar o trabalho para braços mais jovens.

« Espero que minha carta lhe encontre gozando de perfeita saúde. Tenho usando bastante o lípulo. Aqui nós o encontramos em grande quantidade e ele me tem feito muito bem. Também tenho usado fortificantes, e assim vou seguindo em frente. »

22-12-1928

« Deixei que as máquinas sejam manobradas por braços mais jovens e robustos... »

23-3-1932

O irmão Alfano envelhece e seu irmão Sandro também, porque ele é o mais velho. Alfano lhe escreve:

« Existe aquele que sobe e substitui aquele que envelhece e parte para o repouso. Mantenhamos a alma na paz, meu caro Sandro: graças a Deus temos trabalhado, aceitemos agora que outros nos ajudem e nos substituam; quanto a nós, fiquemos tranquilos. »

2-10-1935

Irmão Alfano mantém um vivo interesse pela casa, pela família, pelos campos, pela natureza, por tudo que compõe o mundo, as alegrias, os sentimentos da sua infância. Preocupa-se com sua cidade que vai ficar sem a missa de Natal porque o padre escolheu morar numa cidade vizinha. Quando mais tarde seu irmão vem à França, perto de Agen, cidade sem padre, o Ir. Alfano fará esforços para que um padre do Vale da Aosta se integre à diocese de Agen, a fim de que os italianos do lugar tenham o direito de serem acompanhados (19 de dezembro de 1930). Filho de camponeses, ele guarda na memória essa vida simples, laboriosa, em contato com a natureza; mantém sempre seu olhar sobre o tempo, sobre o ritmo das estações, sobre o que os campos prometem:

« O calor chegou, ainda que não definitivamente. As ameixas amarelas são abundantes e maduras, assim como as cerejas. As uvas e as azeitonas prometem muito, se Deus nos der um tempo propício. »

18 de junho de 1928

« Tivemos hoje a primeira ameaça de chuva: na realidade, algumas gotas. Mas graças à irrigação teremos boas colheitas:



figos em abundância, outros frutos, uvas, etc. O peso de um tomate: 1,4 quilogramas; cebolas que pesam mais de 1 quilo, e batatas doces entre as quais uma pesava mais de 4 quilos.” »

14 de setembro de 1928

« Permito-me de acrescentar um conselho prático: os marmelos, para que sejam realmente bons, é necessário cortá-los em pequenos pedaços, depois cozinhá-los bem, depois peneirar para transformar em purê; em seguida, deve-se acrescentar um pouco de açúcar. Eles são excelentes para a saúde. »

outubro de 1928

Como não existe padre na cidade onde Sandro mora, ele lhe sugere que os filhos comprem uma moto ou mesmo um carro para que possam levar o pai e a mãe para as liturgias do domingo.

« Aqui a vinha está ainda bonita; mesmo estando atrasada, ela não sofreu com o mau tempo. E em sua casa, como foi a colheita? E a venda do vinho, foi boa? E a venda dos animais? E as ameixas são belas e abundantes? E dizer que elas vão cair na terra sem ser úteis a ninguém. »

15-7-1932

Alfano não deixa de dar conselhos sobre os negócios quando julga oportuno. Quando seu irmão Sandro comprou um terreno de pouco valor, ele lhe escreve, em 15 de agosto de 1937:

« Você deve convencer Lenone de que as pessoas são falsas, enganosas (os trapaceiros são numerosos em todas as partes — escreve em francês). Em uma região despovoada os terrenos e as casas são sem valor, são um peso e um aborrecimento. Não deve comprar ou dar a entender que deseja comprar, caso contrário paga-se o triplo do que vale. Por outra parte você já tem muitos bens. Você se mata no trabalho a troco de nada. »

Sandro havia previsto mudar de lugar e vender...

« Não é conveniente mudar de lugar... O que você possui não conseguirá vender pelo justo valor. Em contrapartida, encontrará inconvenientes, aborrecimentos, problemas, desapontamentos. Um provérbio diz com razão que duas mudanças destroem tanto quanto um incêndio. Ao contrário, dê-se um tempo de descanso verdadeiro, com boas e repousantes leituras, etc. Então apreciará melhor as alegrias da família. Você entende que lhe escrevo pelo amor que tenho por você e sofro em saber que você está sempre sobrecarregado de trabalho e que estraga a saúde. (Sandro estava seriamente doente). »

Os sobrinhos Zenone e Pietro, morando na França, são tentados a pedir a nacionalidade francesa:

« No que concerne ao pedido de nacionalidade francesa, tenho um ponto de vista contrário: vi durante a guerra mundial, há 24 anos, os Alemães e os Húngaros na França. Eles foram reunidos em um campo para trabalhar para o governo francês, mas eram pagos e alojados, etc. E depois da guerra eles permaneceram na França, senhores dos seus negócios. Enquanto que aqueles que tinham pedido a nacionalidade francesa, foram mandados para a frente de batalha. Foi pior do que se eles não tivessem pedido a nacionalidade, porque tiveram que enfrentar as mutilações e a morte, em lugar de um trabalho seguro, pago e tranqüilo. Isto é um fato eloqüente! »

6 de janeiro de 1939



Caro irmão Graziano (ecônomo)

Colégio São Leão Magno,
Via Montebello — Roma

8-9-1940

Permito-me enviar-lhe este escrito por uma razão de interesse comum e de espírito filial. Você sabe que nosso irmão Visitador, nesses últimos meses (e isso já faz vários meses), está com a saúde abalada: bronquites frequentes que se arrastam por muito tempo (e estou certo que você também já percebeu isso), e contra as quais ele não quer tomar remédios. Por outro lado, a quantidade de trabalho e as preocupações têm lhe causado insônias, vertigens, e uma elevação da pressão sanguínea. Finalmente ele se resignou e aceitou visitar o doutor Trucchi (um especialista e amigo nosso), mas me parece que ele não segue a medicação prescrita, nem voltou ao médico depois de uma quinzena de dias, como lhe havia sido recomendado.

Além de tudo o que o irmão Diretor pôde lhe dizer, assim como todas as minhas súplicas, não foram suficientes. E eu tenho a reputação de exagerar e isso torna nulo o valor das minhas palavras. Eu mesmo reconheço que tenho o hábito de exagerar as coisas, o que deve ser reduzido pela metade. Mas certas coisas são reais, visíveis, tangíveis, e não podemos negá-las completamente. E as doenças, no início, são mais fáceis de serem curadas; senão, a longo prazo, elas se tornam fatais. “Obsta principiis”, diz a sabedoria (e para todas as coisas). É necessário usar os meios humanos que a ciência e uma experiência ponderada encontraram, para se conservar são de corpo e de alma e assim poder realizar todo o bem que o bom Deus quer de cada um. A razão, a fé, as regras impõem isso claramente. (De outra maneira correremos o risco de tentar o Senhor).

Eu gostaria, pois, que você usasse toda sua ascendência para persuadir o Sr. Visitador de consultar um espe-

cialista que o ajude a tornar seus brônquios resistentes contra as súbitas mudanças de clima, o que prejudica evidentemente suas funções. (Sugira-lhe, também, ao mesmo tempo, as precauções necessárias). Gostaria também que você o persuadissem a seguir o tratamento do Doutor Trucchi. O Sr. Paolonio veio várias vezes de Carmagnola para seguir o mesmo tratamento e está muito contente. O seu irmão Diretor lhe apoiará certamente e insistentemente (se for preciso), o que você fizer. Temos o dever de estar atentos à saúde do nosso Superior e fazer todo o possível para isso: a glória de Deus depende disso, assim como o bem geral do nosso Distrito. Desde já o meu muito obrigado por tudo o que você fizer a esse respeito. Termino aqui. Não é necessário me responder.

Mil vezes obrigado, felicitações e votos pelo novo ano escolar. Minhas humildes felicitações ao Sr. Diretor e a toda a comunidade e meu abraço mais fraterno ao Senhor.

Sempre seu humilde e reconhecido servidor
 Sr. Alfano

5. O HUMOR

O Ir. Alfano, muitas vezes, escreve em suas cartas uma pequena reflexão cheia de humor. Após a chuva, os figos têm a boca aberta: “diríamos que se trata de hidrópicos! E nada se pode fazer”. (Ao Ir. Carlo Borromeu 14-10-1928). O bom tempo e a primavera são “uma antífona da verdadeira Páscoa, na qual as aleluias não terminarão jamais!” (Ao Ir. Carlo Borromeu, 2-4-1931). Ao Irmão Natale, mestre de noviços, ele relembra: “uma



planta (um noviço) que não tem flores na primavera, não terá nunca frutos no verão”. (18-2-1940). Em seus últimos anos ele saúda os jovens assim:

« O velho vovô envia suas saudações a todos os queridos noviços, aos postulantes e aos juvenistas. O velho vovô pede aos Santos Corações de Jesus e de Maria pelos jovens de boa vontade, esperança da Igreja e do Instituto Marista. »

Ao Ir. Antelmo, 13-10-1939

Em 2 de abril de 1940, escrevendo a esse mesmo irmão, ele reconhece:

« Eu sou cada vez mais uma tartaruga; mas com os amigos mais íntimos assumo isso cada vez mais à vontade. Eis o que explica meu grande atraso em relação a você. Isso não se justifica; infelizmente corro o risco de não mais me corrigir, assim como de outras tantas misérias que pesam sobre mim. »

De maneira muito polida ele se compara a um zero: “O bom Deus quer zeros junto aos grandes números...” (Ao Ir. Alessandro, 28-3-1932). Outras vezes reconhece que não passa de uma pobre picareta à qual Deus coloca um bom cabo. Um jovem irmão que está gravemente doente, ele reza por ele e acrescenta:

« Que um velho decrépito como eu se vá para o outro mundo, é natural, é normal, pode ser até mesmo desejável, mas os jovens devem poder trabalhar para a glória de Deus! »

Ao Ir. Alessandro, 24-12-1933

O Ir. Giustino, antigo discípulo, o convida para ir à Argentina:

« Com certeza é para fazer piada que você fala assim, lhe responde o Sr. Alfano. Você não sabe que sou uma marmitta rachada... »

18 de janeiro de 1912

No ano seguinte ele lhe diz: “Sou um avô usado antes do tempo!” (7 de março de 1913). Entretanto, muitas cartas testemunham que ele pediu para partir para a Argentina, Colômbia, China: “Mas nunca vali as despesas da travessia...” (Ao Ir. Teofânio, 14-10-1922) Nesta mesma carta, escrita de Gênova, ele diz que as crianças desta cidade são muito gentis, mas “preferem o trabalho feito àqueles que devem ser feitos”. O irmão Jérôme, seu sobrinho, lhe escreve da Argentina uma carta cheia de elogios. O irmão Alfano lhe responde: “Os incensos devem ser bem baratos na Argentina, porque você me envia uma grande quantidade deles”. (6 de julho de 1909). Seu jubileu de ouro de vida religiosa foi celebrado ao mesmo tempo com o do Ir. Isidoro. Ele vê a festa que lhe foi preparada como a sombra que coloca em destaque o quadro da vida do seu coirmão. Com a idade vai se tornando um “schivafatiche” (alguém que evita os cansaços). Aos 69 anos, é apenas uma “uma sombra de homem”, mas logo em seguida ele acrescenta:

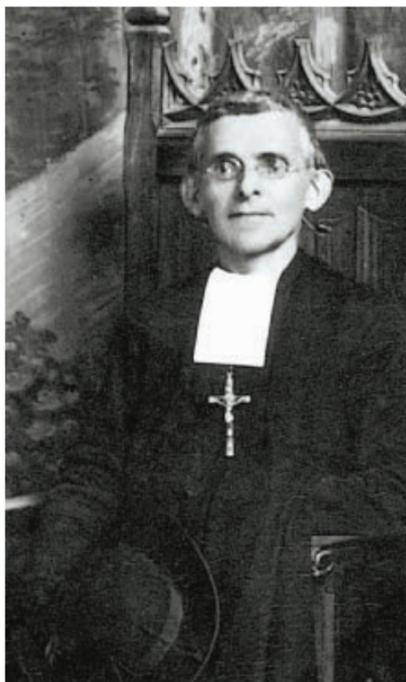
« *Alegro-me quando vejo jovens sadios, bons, contentes, bem encaminhados e generosos sobre o bom caminho. E por eles rezo continuamente à Virgem Maria e ao Fundador, pedindo constância, fé, piedade, confiança em Jesus e Maria.* »

Ao Ir. Enrico Maria Bordet,
30-12-1939

A Sandro, seu irmão na França, ele relembra o belo presépio, os cantos de Natal que atraem as pessoas e acrescenta:

« *Quando as viagens de avião não custarem nada, e quando os aviões forem tão comuns como os carros, nós lhe convidaremos para a missa de meia noite, não é verdade?* »

21-12-1934



*Tenho sede
de verdade, de vida,
de luz, de bem,
de amor.*

*E tu és a fonte,
o oceano
e todo bem...*

*Contigo quero estar
eternamente
e com tua Mãe
Imaculada*

Fr. Alfano

*J. M. J.
Santo Estevão,*

9 de novembro de 1927

Querido Sandro,

É com alegria que revejo seus filhos. Eles chegaram esta manhã, quarta-feira, às 4 horas, depois de uma feliz viagem. Eles querem agora dormir um pouco para recuperar o tempo que perderam durante a noite. Alegrou-me muito com as boas e numerosas notícias de sua casa e de todos vocês. Mentalmente me encontrei com vocês, vendo todas as coisas das quais falavam. O irmão Pietro Giuseppe (seu sobrinho) tem bom coração e é previdente, pois me trouxe gengianas e camomila com as quais me prepara bons chás. Devo-lhe agradecer também. Mas o

que não consigo entender é todo esse dinheiro que você me enviou e ao qual não tenho direito. Você sabe bem o que lhe disse a esse respeito. Mas você encontrou imediatamente uma bela resposta para os meus protestos: 'que eu vá devolver o dinheiro'. É uma saída gentil e não sei como recusar isso no momento. Se Deus quiser, quando o tempo estiver melhor, irei lhe visitar. No momento vou me contentar de lhe agradecer, de pedir ao bom Deus que lhe abençoe e lhe dê o cêntuplo. Você tem um grande coração e eu não poderei jamais lhe pagar minhas dívidas.

Para você e para os seus peço incessantemente toda a espécie de bênçãos. Em dezembro escreverei à Hône para saber como vão nossos parentes de lá. Mil saudações a Anastásia, a Giorgio, a Lenone. A casa vai lhe parecer um pouco vazia depois da quinzena passada (os 4 filhos, maristas, estavam de férias). São as circunstâncias da vida. Aconselho-lhe de trabalhar com moderação. Você não está mais atormentado por tantas necessidades. Creia-me, sou sempre seu irmão cheio de afeto e gratidão e lhe entrego no Coração de Jesus.

Jr. Alfano

6. TUDO ESTÁ IMPREGNADO DE UMA VISÃO ESPIRITUAL DAS COISAS

As cartas do irmão Alfano se prestam muito bem para uma reflexão religiosa, nada de muito pesado nem prolongado, mas antes revelando um clima interior, aquele no qual ele vive, e que transparece em frases rápidas. Seus pensamentos religiosos vêm espontaneamente e não denotam superficialidade:

« Os anos passam rapidamente e com eles a vida, a viagem, o exílio, a verdadeira guerra... e, portanto, é possível antever a



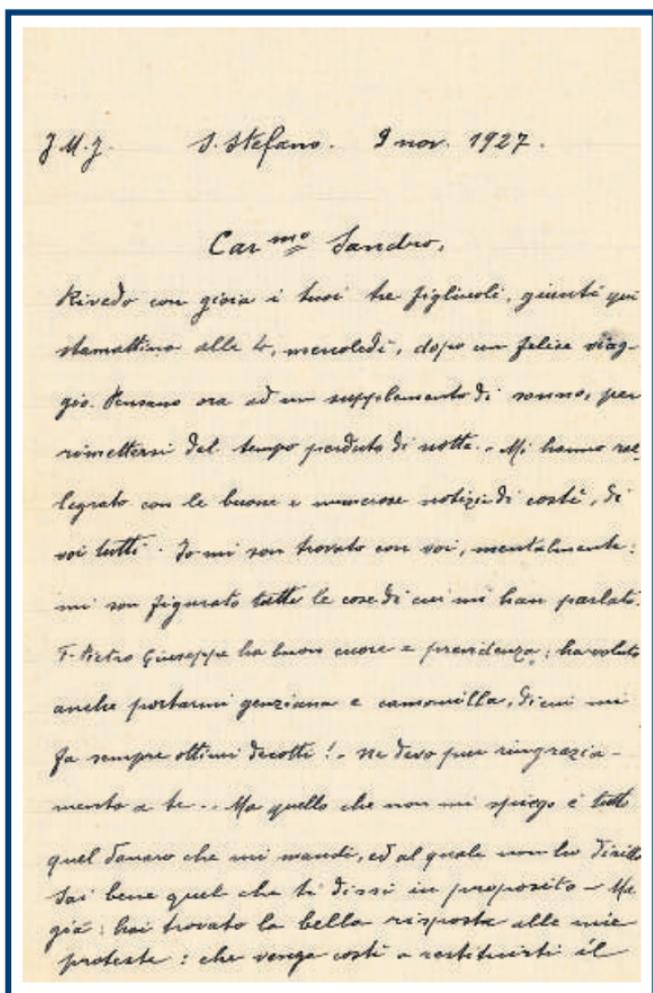
paç, a vitória, o triunfo, a recompensa, a coroa, a alegria, a companhia sem fim com todos nossos seres queridos. »

21-12-34

No ano anterior Sandro o havia convidado a Tayrac, mas não havia padre na cidade e Alfano, recusando o convite, lhe fez esta confidência:

« Não posso viver sem a missa e sem a comunhão cotidianas. Estou pronto a fazer não importa que sacrificio a fim de não me privar delas. »

17-7-1933



Como ele escreve frequentemente por ocasião do Natal e da Páscoa, destaca a dimensão religiosa destes tempos:

« Ao terminar quero lhe desejar todas as alegrias da verdadeira Páscoa cristã, que significa passagem. A ressurreição de N. S. J. C. é para nós uma garantia de ressurreição e de vida eterna. Oh! Que bela Páscoa nos é reservada no céu, duradora, eterna, absolutamente perfeita, enquanto que aqui em baixo tudo muda, tudo se acaba e a cruz está presente todos os dias em maneiras e graus diferentes. É bem verdade que não vale a pena se apegar ao que passa! »

28-3-1929

Sim, é por ocasião da festa de Pentecostes que ele escreve e a carta abre uma janela sobre o Espírito Santo:

« Como temos necessidade dos dons do Espírito Santo para nos santificar! Que coisas admiráveis não fizeram os apóstolos após terem recebido o Santo Espírito! Que obras admiráveis fazem todos os cristãos sob o sopro do Espírito Santo. Ele é verdadeiramente o Espírito Consolador porque nos revela tudo o que é importante para que nos lembremos de nosso destino futuro e feliz. Como tinha razão São Francisco de Assis ao cantar: 'O bem que espero é tão grande que toda dor me é consolação'. »

Carta de 17-5-1929

Irmão Alfano não esquece de ser homem de Deus em sua correspondência. O Natal está próximo, quando ele escreve a Sandro, em 22-12-1929:

« Nos aproximamos do Natal e eu lhe desejo, como também a todos os teus da casa, o melhor bem possível. Deus pode e quer nos dar o que ele tem de melhor entre todas as coisas, e além do mais ele sabe o que é bom; então, deixemo-lo agir... Que ele lhe dê sobretudo a paz divina, tão preciosa porque fez com que fosse cantada pelos anjos sobre sua manjedoura em



Belém! Ele a promete aos homens de boa vontade e nós queremos ser homens de boa vontade! »

E para a Páscoa:

« *A Páscoa é uma festa sempre alegre e abril um mês sempre agradável. Não é pelos motivos que nos falavam tanto ao coração de nossos jovens anos, mas por aquilo que representam e prometem verdadeiramente. A primavera nos fala de uma outra primavera, que será perfeitamente radiosa, próspera, festiva, durável, eterna, sem nuvens nem tempestades, nem fadigas, nem preocupações. A Páscoa nos lembra justamente essa passagem definitiva do exílio à pátria, da terra ao céu, e nos promete a ressurreição gloriosa de nossos corpos e eterna alegria.* »

31-3-1931

A carta que envia à sua nora Anastasia é rica da presença da Virgem Maria. Sua nora foi à Lourdes em peregrinação ao final do ano jubilar, e ele lhe escreveu:

« *Você teve a sorte de ter podido assistir a celebrações religiosas magníficas, presididas pelo representante do Papa e que foram celebradas com o fervor do paraíso. Como é bondosa e misericordiosa a Virgem Maria ao suscitar tanta fé e generosidade no meio da humanidade em toda parte ingrata e indiferente. É oportuno dizer mais uma vez hoje que os extremos se tocam: a santidade atrai a impiedade.* »

1-6-1935

A idade faz voltar os olhos para Deus:

« *Com os anos chegam os problemas de saúde; mas eles são providenciais, nos fazem adquirir os méritos e nos libertam deste pobre mundo e nos fazem pensar que temos uma bela pátria aberta acima de nossas cabeças, com a eterna primavera, a plenitude de vida e toda sorte de alegrias. A fé nos faz felizes, tanto quanto possamos ser felizes aqui em baixo, com a paz*

no coração, a paz na família e a certeza para o futuro próximo ou distante. »

20-12-1937

Em plena guerra escreveu ao seu irmão Sandro:

« *Sim, eu me uno sempre e de todo coração às orações que você dirige ao Coração de Jesus através do Coração Imaculado de Maria. Ele é nossa vida, nossa esperança, nossa segurança e nossa paz. Rezamos sempre para que a Europa reencontre rapidamente a tranquilidade na ordem e na justiça cristã. Os povos encontrarão em Jesus o verdadeiro médico, o pacificador, o amigo...* »

14-9-1940

O último bilhete que o Ir. Alfano enviou a Sandro, em 5 de dezembro de 1942 – ele morrerá três meses depois –, já indicava seu frágil estado de saúde. A mensagem é breve, as palavras abreviadas e a escrita irregular:

« *Meu querido e irmão e queridos parentes. Votos de um S. Natal. Confiança sempre nos S.S. C.s. de Jesus e Maria Imaculada na vida e na morte. Fomente o Paraíso importa: Nossa Pátria infinitamente bem-aventurada. O mundo é uma sombra. Até breve no infinito bem!* »
i.a.

*Ir. Alfano
(à direita)
com
uma turma
de alunos
do Colégio
S. Leão Magno.*





O clima espiritual do Ir. Alfano: o segundo noviciado

O Ir. Alfano se encontra em Grugliasco para o segundo noviciado e escreve a um grupo de antigos noviços que trabalha na Argentina.

Irmão Jeofânio - Grugliasco

3-4-1916

Eu lhe escrevo estas linhas de Grugliasco, do segundo noviciado. Sim, fui finalmente atendido no meu grande desejo de fazer o segundo noviciado. Sinto-me feliz e afortunado. Tenho apenas um temor, que os acontecimentos atuais não me permitam de continuar até o fim. Os irmãos soldados aumentam cada vez mais e as necessidades das casas se tornam mais urgentes, de modo que não se sabe nunca como será o dia seguinte. Mas estamos nas mãos da Providência e faremos tudo o que pudermos.

Para mim, acredito mais do que nunca na importância do segundo noviciado: rezar com uma alma tranqüila, fazer belas meditações por dia, dois exames de consciência (verdadeiramente metódicos), visitar Jesus no Santíssimo Sacramento mais de seis vezes ao dia, fazer a via-sacra todos os dias e todos os dias um santo rosário de 15 mistérios. Não é isso uma pequena graça?

E trabalhar todos os dias sobre os livros do Instituto para conhecê-lo de maneira mais profunda, viver uma vida verdadeiramente marista, exercitar-me para fazer morrer o amor próprio e praticar todas as virtudes: eis a vida de um segundo noviço, eis um belo exercício para o paraíso. Aprender a se renovar no fervor, no espírito do apostolado, para construir um bem duradouro. Que beleza de poder se dizer amigos do Sagrado Coração de Jesus e seus apóstolos.

7. AMOR PELO INSTITUTO

Este amor faz parte natural da sua espiritualidade e todas as ocasiões lhe são adequadas para conduzi-lo ao amor, ao conhecimento e à imitação do Fundador, ao conhecimento de todos os nossos escritos, à admiração de nossos primeiros irmãos através da leitura de suas biografias. Ele tem a devoção a que chama de 'pão da nossa casa'.

Em 14 de outubro de 1918, envia a Grugliasco 16 páginas para a preparação do Capítulo Geral de 1920. São páginas cheias de sabedoria prática e profética. Antecipando-se no tempo, ele indica estruturas a serem desenvolvidas:

- o Guia de Formação;
- um responsável pela formação para todo o Instituto;
- a formação contínua;
- pede para coordenar os programas religiosos e profanos entre os diversos períodos de formação.

Graças à sua experiência, nas diversas notas enviadas para o Capítulo Geral, ele percorre as diversas etapas da formação de então para propor melhorias: o recrutamento, o juvenato, o postulante, o noviciado e escolasticado. Aconselha os superiores maiores de fazer com que aqueles que são responsáveis dos juvenatos se encontrem, troquem suas experiências, redijam um manual que os guie. Ele sugere:

- Que os documentos do Instituto e as circulares sejam traduzidos nas outras línguas para que todos os irmãos possam deles tirar verdadeiro proveito. (Isso começa a ser feito a partir de 1967)
- Que os postulantes sejam jovens maduros, que tenham, se possível, algum diploma oficial, porque, diz ele, jovens com certa cultura assimilam melhor os valores da vida religiosa.



- Mais do que a idade, pede para que prestem atenção à maturidade da pessoa para admitir ao noviciado. Na época, se entrava no noviciado aos 15 anos.
- Que exista apenas um grupo de postulantes, somente um grupo de noviços, de maneira que os formadores fiquem menos dispersos. (Na época havia o hábito de várias tomadas de hábito, de várias profissões durante o ano; conseqüentemente, vários grupos).
- Pede para que os noviços não sejam sobrecarregados de estudos, para que tenham o tempo de formar o hábito da intimidade com o Senhor com serenidade.
- Insiste para que não se mantenham os candidatos medíocres e não se tenha receio de os mandar embora.
- É contrário aos noviciados muito cheios, se desejamos obter uma formação em profundidade.

O Ir. Alfano enviará semelhantes reflexões em 1938, na iminência de um outro Capítulo Geral. Ele sempre se mostrou responsável e ativo. Percebe que na Província faltavam enfermarias, e que os irmãos idosos e os tuberculosos merecem os cuidados de que necessitam.

Até onde ia o seu amor pela Congregação? Ele escreve ao seu sobrinho, Eugène Colliard, missionário na Argentina:

« Quando você tiver os cabelos brancos como eu os tenho agora, amará mais do que nunca ser marista, e terá até mesmo o desejo de derramar seu sangue por este Instituto abençoado, tão privilegiado e tão benéfico. »

15-8-1910

Alfano tem apenas 40 anos. Provavelmente ele começa a ter alguns cabelos brancos, mas o coração está repleto de amor pela família marista e pronto a derramar seu sangue por ela.

Transmite o amor pelo Instituto, pelo Fundador, através de um profundo conhecimento de sua vida, de seu pensamento, dos livros do Instituto, das biografias dos primeiros irmãos que foi sempre uma das suas preocupações contínuas. Encontramos esse sentimento em todas as cartas dos seus últimos anos de vida. Nada lhe era mais doloroso do que ver irmãos que não gostavam e não conheciam nosso Fundador. Ele queria que todos os irmãos fossem orgulhosos do tesouro marista, 'o pão da casa', e isso como expressão de gratidão em relação a Deus e à Virgem Maria.

A sensibilidade que ele tem por sua família a manifesta na mesma intensidade quando se trata da Família Marista. Em maio de 1937 morre o irmão Rafael, Superior do Distrito da Itália. A seu irmão Sandro, Alfano escreve:

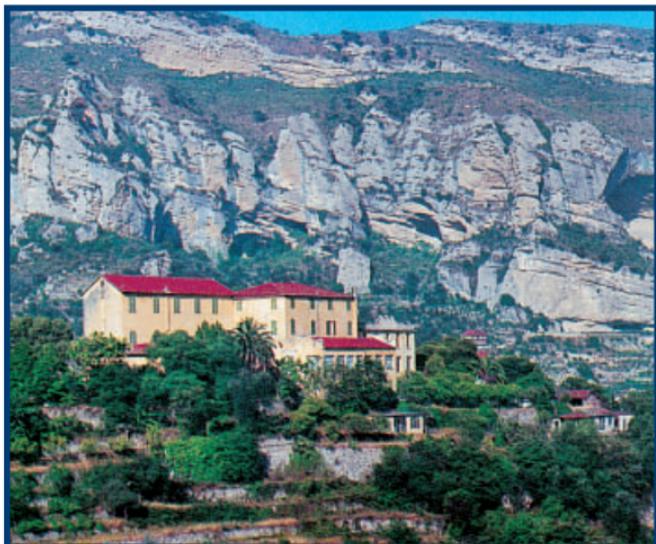
« *Aqui ficamos profundamente consternados pela grande perda que tivemos do nosso Superior da Itália. Ele nos foi tirado depois de 15 dias de doença, aos 53 anos (dez anos a menos do que eu), e quando tudo nos fazia crer que ele poderia viver e trabalhar ainda durante 30 anos. Da minha parte, fiquei como perdido e desorientado. Admirava sua inteligência e atividade infatigável. Sim, o Superior era o motor principal de nosso Distrito, que tem pouca gente madura e capaz! E agora devemos fazer o melhor sem ele.* »

10-05-1937

Ele olha os irmãos com simpatia, admiração. A carta que envia ao irmão Estratônico, Superior geral, sobre o irmão John, Assistente geral, falecido recentemente, nos permite conhecer o coração atento e bom do irmão Alfano.



*Ventimiglia,
a casa
de Noviciado
e do
Escolasticado
dos Irmãos
Maristas.*



Um olhar cheio de simpatia

Meu Reverendíssimo Sr. Superior geral

Ventimiglia

28 de janeiro de 1914

Tendo estado ausente por duas semanas, foi somente no dia 23 do corrente que tomei conhecimento de sua amável resposta datada de 15 de janeiro. Eis porque não pude lhe enviar antes estas linhas abaixo sobre nosso saudoso irmão John, Assistente geral.

Primeiramente devo confessar que não tive a alegria de conhecer bastante o caro e venerável defunto, para falar com ele convenientemente. O vi uma vez e muito rapidamente, por assim dizer, em Mondovi, e algumas vezes em Grugliasco, no momento dos retiros do Regime.

Entretanto, posso afirmar que guardo desse excelente Superior Marista a mais doce e a mais edificante impressão. Tudo em sua pessoa falava: a dignidade sem presunção, a nobreza do porte, unida a muita simplicidade; os gestos sempre dignos, obsequiosos, cheios de bondade e de condescendência; a doçura nas palavras e a

energia da vontade, unidas à paciência e à delicadeza das atitudes. Era um homem de Deus, mestre do seu coração, e dominava docemente, de maneira forte e suave o coração daqueles que estavam ao seu redor, pelo afeto e pela força irresistível do exemplo.

Seu raciocínio seguro e perspicaz lhe fazia ver a fundo as situações as mais difíceis, as questões mais complexas, e ao mesmo tempo os meios mais adequados para contornar as dificuldades e vencê-las.

Esta é a impressão que guardei dele, depois de uma visita de apenas dois dias, que ele fez a Mondovi. Durante uma entrevista que tivemos com ele nessa feliz circunstância, sobre a comunhão freqüente e cotidiana, todos nós pudemos sentir que sua alma estava santamente sedenta de Jesus Cristo, e que deseja ardentemente conduzir todas as almas ao banquete eucarístico de cada manhã.

Acrescento: seu porte modesto, recolhido, mas muito enérgico, durante os exercícios de piedade. Seu tom de voz, que expressava fé e amor, me levou a dizer: “Eis aí um exemplo de como devia rezar nosso Venerável Padre Champagnat!”

O bom irmão John me deixou também a impressão de um religioso muito mortificado. Vendo que bebia somente água durante as refeições, tomei a liberdade de lhe perguntar se o vinho lhe era prejudicial. Com um sorriso cheio de modéstia, se contentou em responder: “A água não me é prejudicial, ela me convém muito bem!”. Mele não se percebia nada de artificial, de introvertido, de rude em suas virtudes, mas o contrário, muito sinceras, fortes, constantes.

Mas concluo aqui, meu Reverendo Irmão Superior geral, deixando às penas mil vezes mais hábeis do que a minha e melhor informadas, de descreverem as virtudes maristas praticadas pelo nosso saudoso irmão Assistente falecido.

Vosso humilde e obediente servidor.

Irmão Alfano, Mestre de Noviços.



Como Conselheiro provincial ele escreve ao irmão Emery, Procurador geral e amigo íntimo, cartas muito fortes, pedindo para que se dê mais atenção ao Distrito da Itália que todos os anos envia dezenas de jovens para a Argentina e para as missões, mas o próprio Distrito não consegue nem crescer nem se constituir. E como essas cartas incomodavam alguns, ele pede para que não mais o escolham como Conselheiro provincial. Entretanto, permanecerá como tal durante 32 anos. Essas cartas nos revelam com que consciência, com que acuidade, sentido de responsabilidade, de justiça, e energia de caráter ele assumiu essa função. Descobrimos um homem lúcido e batalhador quando se trata de coisas importantes; inteligente, íntegro, enérgico, sério e profundo. Essas cartas têm todas o estilo e a densidade desta que é transcrita a seguir, escrita ao Ir. Emery: uma linguagem clara, franca, forte, mas sempre com muito respeito e amizade.

E eis como ele compreendia seu trabalho de guia espiritual, função que assumiu durante 31 anos:

« *A paternidade espiritual é o reflexo da paternidade divina: ela expressa a autoridade justa, força, proteção, vigilância, conselho, reconforto, providência, arte de educar e de cuidar... O diretor espiritual deve fazer bom uso dos seus ouvidos, dos seus olhos, da sua língua, de suas atividades. A entrevista deve ser 'paterna, metódica, sóbria, discreta'...* »

**Ao Ir. Emery,
29-9-1939 e 10-3-1940**

A carta seguinte, transcrita quase inteiramente, mostra a força do Ir. Alfano quando se trata, como Conselheiro provincial, dos problemas do Distrito da Itália.

Ventimiglia, outubro de 1930

Rev. Sr. Procurador geral:

Em primeiro lugar, visto a circunstância, envio-lhe as felicitações mais sinceras por ocasião da sua próxima festa patronal. Incluo também aqui meu compromisso de recomendá-lo a Deus muitas vezes durante esse dia. Sobretudo, o farei por dever de gratidão.

Sinto-me ainda emocionado pela bondade cheia de afeto e de atenção que você me manifestou em Viterbo e em Roma. Foi para mim um gesto de grande encorajamento, e sua estada em Viterbo me foi muito proveitosa, fisicamente e moralmente. Agradeço a Deus por contarmos com irmãos com tanta bondade, abnegação, franqueza, apesar dos limites humanos. Não lhe digo nada sobre as minhas 30 horas passadas em Roma (sem contar aí a noite quase sem sono; minha fraca cabeça me doía). Assim mesmo pude ver o venerável irmão Filadelfo e outros irmãos que me são caros, e quantas outras coisas! Todas as homenagens a esse excelente decano, todas as felicitações e agradecimentos. Homenagens e agradecimentos também aos primeiros irmãos da comunidade: recebi toda atenção da parte deles.

Em sua resposta cheia de afeto, de 21 de setembro (com o selo do Papa, o que causou muita alegria a um colecionador), você faz alusão a uma recente proposta de uma fundação em Trani, por meio do secretário da Sagrada



Congregação dos Religiosos. Eu me encontro imediatamente como envolvido no grande nó de nossa situação atual. Não sabemos o quê responder e não saberia mesmo dizer se haverá alguém que estudará seriamente as propostas para dar uma resposta. Na verdade, a quem se dirigir hoje para obter esclarecimentos, discussões e conclusões? Eu não sei. Dou apenas um exemplo. De Viterbo escrevi ao Sr. Provincial, como era do meu dever. Entre outras coisas lhe expus meu ponto de vista imediatamente, da mesma maneira como já o havia exposto ao Sr. Visitador e também a você. Eu lhe pedia para me dar uma resposta, mesmo de viva voz, em Ventimiglia, por ocasião do meu retorno. Não podia esperar que a proposta fosse aceita. De qualquer maneira, esperava uma palavra. Não a obtive. Muita bondade, muita gentileza — as quais não mereço — mas nada sobre o que tinha no coração. Não quero criticar o trabalho dos reverendíssimos Superiores: eles são os mestres, e eu, sou apenas um importuno; mas que me digam as coisas de maneira clara e franca. Tenho muitos motivos para acreditar que minhas idéias não agradam, e tento não insistir de maneira inoportuna. Ao contrário, me manteria tranqüilo e não iria me intrometer em nada se não fosse Conselheiro. Mas, por que me manter no Conselho se incomodo? Para ter um estraga-prazer? Que aceitem a minha demissão e que dêem o lugar a outro: tudo irá melhor e agradecerei por isso ao Senhor. Como é bom não carregar peso sobre os ombros... Quanto menos responsabilidade, melhor! Cada vez mais me parece que o Sr. Provincial se desinteressa pelo nosso Distrito e nos abandona! Poderíamos imaginar que o Sr. Visitador o substituiu, mas na prática não pode, tem os braços presos: em geral carrega apenas o fardo, e nada mais. E por causa disso que acontecem os atrasos. Os problemas permanecem sem solução. Quem pode e quem deve estudar nossas questões vitais? Podemos dizer que agora as mudanças estão feitas, mas quanto tempo foi necessário esperar e com que prejuízo para os irmãos. Você deveria sabê-lo! O irmão

Diretor de Gênova conheceu uma parte do seu pessoal através das conversas de corredor, depois de 15 de agosto, e em 10 de setembro, nada de oficial. Logicamente, parece que pelo menos depois do retiro de Viterbo, os irmãos Diretores deveriam receber pelo menos algumas idéias a esse respeito, e que a maioria dos irmãos pudesse saber o que prepara para o novo ano escolar. Aqui, o Dr. Pancrazio soube somente em 10 de setembro qual era a sua responsabilidade. Portanto, até esse momento não se havia assumido nenhuma responsabilidade sobre o desenrolar das coisas; e, com certeza, com prejuízo para o conjunto. Na verdade, mesmo com ele presente, durante dois meses as coisas foram adiante sem nenhuma autoridade direta. Depois, você poderá se dar conta de como devem ser estudadas e tratadas as fundações na Itália. Entendemos: quem dá ao Visitador a incumbência de estudar as fundações mais importantes e de que maneira? Como ele pode e deve se ocupar disso? Que fundações desejar e preparar? O que é preciso aceitar e em que condições? Eu mesmo duvido que ele saiba alguma coisa sobre isso. Então? A recusa da fundação de Milão, inesperada, imprevista, com razões vagas e sem declarações posteriores, isso pareceu um enigma e foi sentida como uma amarga decepção. Será que haveria muita coisa a perder? Aquele que fosse tratar, para não fazer muitas despesas inúteis, incomodar as autoridades, perder tempo, deveria ter recebido antes orientações precisas sobre a possibilidade ou a impossibilidade, para dar os passos possíveis, de modo que teríamos podido fazer propostas recíprocas e não entrar em discussões sem ter nada para responder: “nós não queremos nada, nos retiramos”. Se é assim, por que incomodar as pessoas? Será que pensamos que não haveria pessoas maduras para a fundação prevista? Assim teríamos previsto e evitado as entrevistas. Mas se é assim, por que sempre fazer as mais dolorosas, retiradas do Distrito esgotado da Itália, retirando com prazer os elementos mais amadurecidos e mais aptos? Por que se recusa ou se evita falar sobre a recu-



peração dos nossos irmãos do Brasil? Nunca houve tanta lentidão para retomar aquele de Santa Maria que nos ajudava em Mansura. Somos tentados a dizer de maneira afirmativa que existem dois pesos e duas medidas. Depois de mais de 40 anos, três colégios na Itália, uma escola no Egito e um juvenato e quase todos os elementos enviados ao estrangeiro. Essas não são condições favoráveis, nada de bom e confortável. A dívida vem, queiramos ou não, quando se olha as diversas casas que, elas também, não têm condições dignas de entusiasmo. Roma: o colégio está bonito, amplo, cômodo, graças ao empenho do Dr. Estratônico. Faltou-nos somente acrescentar o pequeno terreno vizinho quando estava à venda por cerca de 200.000 Liras. Haveria, então, uma independência completa, dos cursos e amplitude do local. Aqui, o ponto obscuro é a dívida anual de 56.000 Liras para com a Casa mãe, e não se sabe se a dívida vai ser paga em 99 anos ou se vai durar para sempre.

Os inícios de Viterbo são conhecidos e as doações de um insigne benfeitor, o que levou a casa geral a se mostrar generosa, mas nesse caso também poderíamos ter uma dívida impossível de pagar, o que reduziria a quase nada o ganho anual de cada irmão, como também a ajuda à Província, que permaneceria somente com os encargos.

E Gênova? Um externato que poderia se tornar próspero e de uma bela ajuda financeira, com a condição que saíamos desse buraco sem luz e de pouca moral: perigo constante para nossos jovens irmãos; situação contra as Constituições. Mas lá também, até o presente momento, todos os esforços foram para a compra de um imóvel. Agora, gastamos 12.000 Liras por ano para alugar um apartamento sem o direito de nunca comprá-lo. Para sair dessa situação seria necessário ainda um sacrifício, que chamaria o passo menor, mas necessário: um empréstimo pagável que seria acrescentado àquele já feito, para construir alguma coisa no mesmo quarteirão onde haja luz e uma sã independência. O irmão diretor já tem idéias a esse

respeito; mas lá também é necessário mais do que desejos platônicos — as próprias vocações correm um verdadeiro perigo. É urgente ter a casa almejada. Evidentemente, ela não será rentável imediatamente se tiver de se virar sozinha: a Província assumiria as despesas.

Os três colégios dos quais acabo de falar, não estão em condições viáveis; mas não é culpa deles. Seria o caso de dizer que é preciso fazer fundações em melhores condições? Sim, é possível, mas é necessário que haja alguém para se ocupar disso seriamente, ir aos locais e tratar do assunto. O caro irmão Visitador não pode, morando em Roma, já sobrecarregado, assumir mais essa responsabilidade. Seria também necessário que lhe digam o que fazer.

Eu não deveria acrescentar mais nada ao que disse acima. Entretanto, aqui em Mondovi, gostaria de contar mais com a presença do Sr. Visitador, se não podemos ter o Provincial. As casas de formação são as pupilas dos olhos, o futuro da Província. Nessas casas existe a necessidade de coordenar, verificar, exigir, modificar. É necessário cuidar das fontes para se ter em seguida o rio; se não for assim, as coisas irão à ruína. É preciso coordenar os programas religiosos e profanos entre os diversos períodos de formação e fazer testes e exames... e um pouco de disciplina viril para formar os caracteres dos religiosos. Este ano, a ausência do Superior nos prejudicou, mesmo no que se refere ao aumento da casa, aquilo que tínhamos necessidade e nada mais.

As coisas, tal como estão acontecendo, não me agradam; elas me chocam, e tudo poderia ser melhor com a presença do Superior. Teríamos feito alguma coisa menor, mais econômica, mais ventilada, com mais luminosidade e quente. Não entro nos detalhes menores: uma visita in loco mostrará as evidências. Seria preciso enfrentar as necessidades atuais e aquelas de futuro próximo; pois, num futuro mais distante, acharemos excessivo e mesmo inútil o que

existia antes. Não se trata de uma casa num lugar central, e, portanto, não terá um futuro promissor. Nas condições atuais devemos pensar em fundações ou suspender as entradas no juvenato e noviciado — e esse curvar-se seria derrotista; portanto, não vemos outra solução. Fundações no exterior vão bem quando no país as coisas necessárias e suficientes são lançadas: mas aqui seria necessária justamente uma fundação em Milão para dar continuidade aos cursos de formação dos professores, e ao mesmo tempo tornar mais fácil a colocação dos jovens. Depois de uma ou duas fundações no país poderíamos também fundar no Egito, nas colônias, com a condição de que elas nos pertençam, e não puras doações a todas as Províncias. zelo e caridade, para exercê-las na devida maneira e com ela, os sentimentos humanos não são sempre inúteis, até mesmo aquele que manifesta um interesse pela Província. Os jovens, sobretudo, prestam atenção a isso, e os velhos também.

Será uma pena se o Sr. Vittorio não retornar antes que termine o ano de 1930; ele perderá a possibilidade de obter, de maneira fácil, o direito ao ensino em um CEG particular.

Finalmente, eu me dou conta de haver passado todos os limites racionais. O que é que você quer? O coração tem suas razões, e o desejo de ver o Distrito crescer e prosperar, de ver nossos jovens um pouco entusiasmados pela Família marista e por sua nobre missão, me tornou temerário em minha linguagem. Ao contrário, certas incompreensões, certas inércias me surpreendem e são até mesmo um enigma para mim. Em alguns países se faz tudo... em outros, nada. Por quê? Mesmo os irmãos estrangeiros que passam se perguntam depois de quanto tempo estamos na Itália e quantos colégios temos, e se surpreendem quando ouvem a resposta. Será que realmente não podemos fazer nada? Ao contrário, devemos dizer que nos encontramos em um período mais favorável: mais serviço

militar (grande benefício); os estudos bem avançados, os exames deles são a prova, os alunos poderiam ser numerosos, as famílias e as pessoas simpatizantes.

As vocações foram pouco cultivadas e pouco fomentadas. Se trabalhássemos melhor, alcançaríamos resultados muito satisfatórios. Mas aqui também, querer é poder...

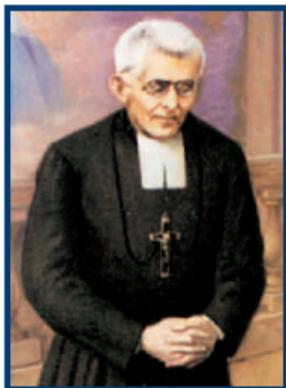
Da minha parte não posso senão muito pouco ou nada. Trabalhei energeticamente até não poder mais. Os reconfortos humanos foram muito numerosos: isso não importa. É suficiente para mim que Deus use de misericórdia para comigo e que abençoe todo o Instituto, os Superiores e de uma maneira particular nossa Província, e que nos dê o espírito do Fundador.

Sei que é inútil o que lhe escrevo, porque você conhece tudo o que lhe digo e muito mais. Mas você conhece e compreende nossa situação e nossas necessidades. Portanto, você pode se interessar de maneira eficaz, no que se refere àqueles que têm todas as chaves na mão. Assim tenho confiança que você não levará a mal o que lhe digo e que tornará cientes nossos primeiros Superiores, se julgar oportuno, para o bem do conjunto de nossas casas e de nossos irmãos. Entretanto, no momento, tenho apenas um desejo: não ter mais a responsabilidade nominal (o título de conselheiro) nas coisas da administração: então me calarei, e deixarei as responsabilidades a quem de direito e cessarei todas as solicitações taxadas de pessimistas.

Só me resta renovar de todo o coração os meus mais sinceros votos de gratidão ao querido irmão Procurador geral.

Seu humilde e sempre servidor

Dr. Alfano



Os ecos do jubileu no coração do Ir. Alfano

Eis algumas passagens do agradecimento que ele quis transmitir a todos os irmãos depois das festividades do seu jubileu de 50 anos de vida religiosa. Ele escolheu o dia da Natividade da Virgem Maria do ano de 1939, para melhor expressar seus sentimentos mais profundos:

« *As atenções unânimes da caridade religiosa para com minha pobre pessoa, meus caros Superiores e caríssimos irmãos, que vocês quiseram juntar às homenagens feitas ao Sr. Isidoro, nessa augusta data do jubileu de ouro da vida religiosa (ainda que esteja convencido de que nada mereci), deixaram-me profundamente emocionado! Que maravilhosa influência a graça exerce nos corações religiosos nobres e retos! Observamos com evidência a eficácia do Coração de Maria sobre as almas dos seus filhos prediletos: ela tem o hábito de adorná-los de caridade indulgente e benevolente, mesmo para com aquele que teria mais necessidade de compaixão e comiseração. Eis a verdadeira fonte das atenções das quais fui o objeto, ainda que na verdade eu merecesse severidade, rudeza e desprezo. Diante dessa realidade, o que posso dizer? Primeiramente que me alegro com tudo o que foi dito e feito para o Sr. Isidoro, verdadeiro pequeno Irmão de Maria, cheio de méritos, de virtudes e de insignes talentos. Mas, como eu poderia ser colocado ao lado dele? Nada mais do que como uma sombra que dá destaque ao quadro. Disso eu posso me alegrar e bendizer a Providência que se dignou acrescentar um cabo às picaretas que somos nós. De qualquer modo, de todo o coração eu me uni a todos vocês, amados Superiores e coirmãos, nos hinos de gratidão ao bom Deus, pelos grandes favores que tem concedido à Família Marista durante um meio século. E o hino constante de agradecimento é um dever primordial que sinto profundamente em mim. Em todo esse trabalho de quase meio século, o que posso descobrir é um imenso motivo de gratidão para com o Senhor e de humilhação para mim. Se me fosse*

permitido dirigir aos excelentes coirmãos um pedido insistente, gostaria de lhes pedir, por todo amor que eles têm para com o Fundador e para com nossa Família religiosa, de trabalharem com zelo, através de palavras apropriadas e com exemplos, a fim de confirmar sempre os mais jovens na vida interior e sobrenatural, para se tornarem imitadores de nosso Venerável Pai na devoção à Imaculada. »

**Circular que o Ir. Pancrazio, Visitador,
enviou a todos os irmãos da Itália.
Ventimiglia, 8 de setembro de 1939**

Encontramos um eco do jubileu na carta a Sandro (28-7-1939):

« Vocês são os primeiros a receber uma resposta pelas felicitações que me enviaram por ocasião da festa inesperada e que me repugnou enormemente. A grande bondade dos Superiores e dos coirmãos me obrigaram a aceitá-la. O Senhor quis assim! Agora, essa grande cruz já passou. Não suporto mais algumas festas emotivas: a emoção quase me fez sofrer uma síncope. Eu não queria e não esperava senão aquelas do paraíso. Nada faltou durante as festividades, nem mesmo a bênção do papa e as felicitações do Superior geral. Que coisa grande e extraordinária é ser um pequeno e humilde marista! »



SEGUNDA PARTE: Testemunhos

O homem e o santo que descobrimos nas cartas, nós o reencontramos também nos testemunhos de seus Irmãos, dos antigos alunos, do relator da causa como também no do primeiro censor teológico.

1. TESTEMUNHOS DOS IRMÃOS

- O *Ir. Constant Delclos*, nascido em 20-04-1901, noviço do Ir. Alfano em 1917, escreveu de Saint-Paul-Trois-Châteaux o testemunho que segue: “O Ir. Alfano deixou entre aqueles que o conheceram uma marca inesquecível de seriedade e de firmeza. Educado na escola daqueles que conheceram o Fundador ou tinham sido seus discípulos, entendia que seu dever era de tornar-se um imitador exemplar, segundo o exemplo de São Paulo: “Eu vos transmito aquilo que recebi”.

Fiel às pequenas observâncias, exato e pontual em cada exercício, ele foi para os noviços um modelo incomparável de regularidade. Diz-se de São Bernardo: “Deseja conhecer sua Regra? Observe sua vida; Deseja conhecer sua vida? Leia sua Regra”. Sem exagerar, poderíamos dizer o mesmo de nosso saudoso Ir. Alfano.

Quanto a nós, os noviços do “centenário” (1917), tivemos a felicidade de apreciar seu admirável e incansável devotamento, facilitando a todos o trabalho cotidiano. Como ele nos edificava durante as orações, por sua postura e maneira de responder! Pela manhã, era sempre o primeiro a chegar à capela, e o encontrávamos fazendo a via-sacra. A oração o transfigurava e somente o seu sinal da cruz já valia um sermão.

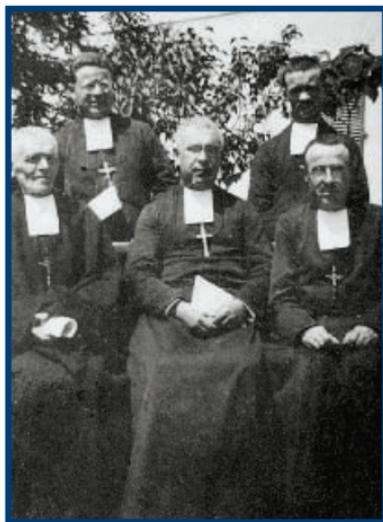
Sob os aspectos exteriores um pouco austeros, o Ir. Alfano escondia um coração e qualidades sociáveis, que na amizade se revelavam amáveis e o tornava fiel à amizade. Alegre e de conversa agradável, o irmão Alfano sabia, durante as recreações, alegrar os noviços, tomando parte nos jogos (em todos os corredores havia um jogo de croquete). Durante as caminhadas, quando a ocasião lhe permitia delas participar, sabia despertar nossa curiosidade, contando histórias interessantes e sempre novas.

Apesar da sua saúde frágil, observávamos nele uma energia inabitual e uma força de vontade que nada podia abalar. À mesa, comia muito pouco e parecia se alimentar da leitura que fazíamos durante as refeições. Era sempre de abordagem fácil, tão acolhedor que os noviços gostavam de ir ter com ele, abrindo-lhe o coração em um completo abandono.”

- O *irmão Gaetano Vinai* nos envia uma das suas lembranças: “Eu tinha 14 anos... Em 1923, no início do outono, estava com um pé enfermo, e na quinta-feira não pude sair para o passeio. Voltei para casa

e encontrei o Ir. Alfano. Ele se aproximou de mim e me abordou com um grande sorriso. Isso conquistou meu coração. Segui com ele e iniciamos um longo diálogo sobre assuntos que me agradavam. Ele me conduziu à sala de estudos e começamos a falar sobre meus estudos.

Ventimiglia, uma das últimas fotos do Irmão Alfano com alguns Superiores.





Perguntou-me sobre coisas que eu sabia, e me sentia feliz não somente em lhe responder, mas em poder falar com ele. Ele mostrou-se muito gentil. Depois, fomos ao jardim. Éramos praticamente amigos. Num certo momento ele se afastou e depois voltou com alguns confeitos que me ofereceu. De tão contente que estava, peguei todos. O dia terminou com um grande até logo. Durante as recreações ele era de uma abertura inacreditável, de um sorriso e de uma maneira de agir tal que todos o procuravam. Tinha uma maneira muito particular de rir “em cascatas” que era formidável; nós o escutávamos de longe. Ele ria com prazer das piadas que lhe contávamos”.

- Testemunho do **Ir. Antelmo**: “Durante toda a guerra, (a primeira Guerra mundial), ele enviava circulares policopiadas a seus antigos noviços e aos irmãos que se encontravam na frente de batalha. Eram mensagens cheias de sábios conselhos e de informações sobre a Congregação. Usava da criatividade para mantê-los em contato com os superiores. Durante o Natal de 1917, ele me enviou um cheque de 5 libras, para que me sentisse feliz durante esse santo dia. E consegui, pois esse gesto me permitiu dar um pouco de alegria a todos os que se encontravam comigo na trincheira.”

- Durante a ceia de 10 de junho de 2006, um sábado, celebrávamos a festa de São Marcelino, e me sentei à mesa com o **Ir. Flávio Testa**, 95 anos, e outros irmãos do Colégio São Leão Magno. A conversa recaiu sobre o Ir. Alfano. O irmão Flávio, que o conheceu muito bem, pois foi um dos seus escolásticos, nos disse: “O Ir. Alfano era rigoroso com ele mesmo, mas para os outros era de um charme e de uma atenção extraordinárias. Quando saíamos em passeio e chegávamos à uma clareira, nos sentávamos em torno dele. E contava-nos sempre histórias interessantes e ele ria bastante.

2. TESTEMUNHO DOS ANTIGOS ALUNOS

- O senhor Giuseppe Della Volta, que testemunhou no tribunal ordinário, traça em poucas palavras o retrato psico-espiritual do Servo de Deus. “Era um religioso leal, estranho a tudo o que era artificial e jogo duplo; era sempre coerente entre o que dizia e fazia, e de uma retidão sem falha.”
- O Doutor Mario Colombino escreve ao Ir. Umberto, Provincial: “O Ir. Alfano era para nós como uma fonte magnética que nos atraía. As linhas de força que se desprendiam da sua forte personalidade nos transformavam e nos levavam a imitá-lo, a segui-lo sobre o árduo caminho da perfeição. Se quisermos ser honestos conosco mesmos, devemos admitir que nossa vida espiritual estava em função daquela do Ir. Alfano. Era ele que nos fazia apreciar as belezas de uma vida entregue ao Senhor. A fascinação que exercia o Ir. Alfano era tal que eu me encontrava totalmente atraído por sua personalidade imponente, de tal maneira que quando ele ilustrava ou comentava a vida dos santos, o Evangelho, a imitação de Jesus Cristo, eu tinha a impressão que ele falava de um mundo que lhe era congênito, que lhe era muito familiar, em outras palavras, um mundo do qual ele nunca se separou e no qual vivia diariamente”.

3. TESTEMUNHO DOS TEÓLOGOS

- O *primeiro teólogo* que examinou os escritos do Ir. Alfano afirmou: “Aqui a colheita é verdadeiramente abundante; temos dificuldade de escolha. O Servo do Senhor tinha compreendido perfeitamente que a vida religiosa vivida em total entrega é um jardim onde, sob a luz do Espírito Santo, todas as virtudes podem florir”.



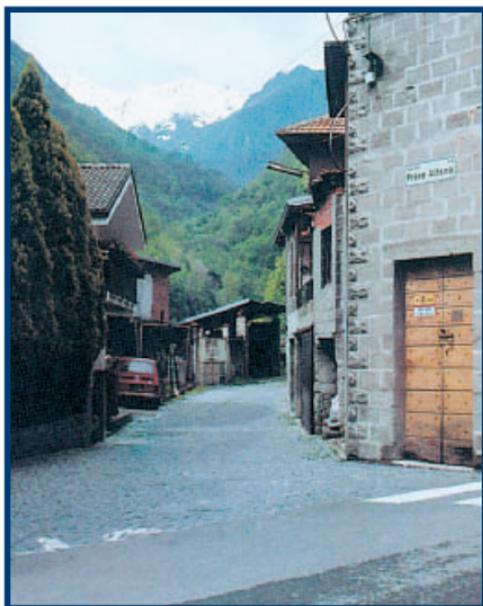
- O relator da causa. O texto seguinte é do **Padre Valentino Macca**, O.C.D. Era o relator da causa, aquele que garante seu valor diante da Congregação dos santos, juntos aos teólogos, dos bispos e cardeais:

“A leitura atenta dos documentos nos coloca em contato com um religioso que a tradição oriental primitiva não temeria colocar entre os “apaixonados de Deus”, no sentido concreto que damos à expressão. Com efeito, o servo de Deus viveu numa plenitude de amor que parece, em pensamento e atos, lhe fazer esquecer os anos. Os trechos citados das cartas mostram uma linha de caridade que não somente mantém seu frescor, mas que no entardecer da vida se faz mais generosa e mais forte. Isso faz pensar no “vinho velho”, expressão que em São João da Cruz definia como “os velhos apaixonados”.

Uma vez que não são freqüentes entre as pessoas idosas as mesmas motivações dos jovens, o Ir. Alfonso demonstra uma caridade excepcional, cujo propósito o une intensamente aos corações de Jesus e de Maria, mas dilata também o espírito aos

confins do mundo, nesses anos perturbados pela guerra. (1943).

Ele estava sempre na presença de Deus. A oração parecia lhe acompanhar mesmo durante as recreações. Havia conseguido o que é tão difícil: a unidade da vida.” (Positio, p. 23).

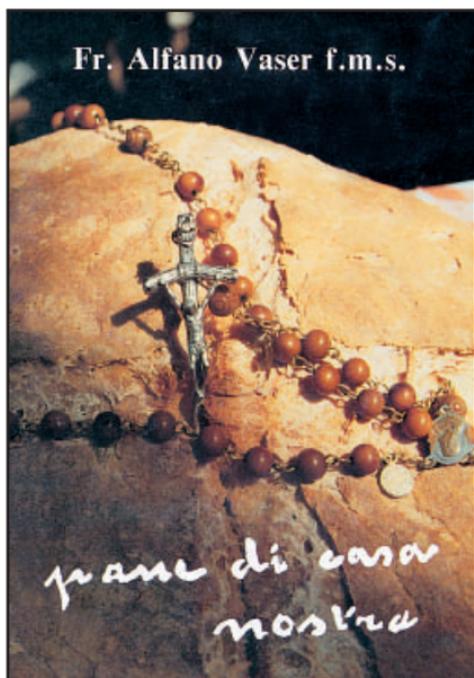


Hône, Rua dedicada ao Irmão Alfano.

4. PÃO DE NOSSA CASA

Esse livro, reeditado em julho de 2001, existe nas quatro línguas do Instituto. É uma biografia do Ir. Alfano, de leitura fácil, 48 páginas somente, e que apresenta um retrato equilibrado desse nosso modelo. Neste livro aparece com freqüência o sentimento de humanidade do Ir. Alfano. Eis algumas passagens:

- A marca deixada na alma de seus alunos e a influência benfazeja que tinha exercido sobre eles foi tal que, trinta anos depois, alguns dos seus antigos alunos fizeram a viagem de Roma à Vintimília para rever seu antigo mestre. p. 19.
- Ele foi escolhido como formador por causa da “sua perspicácia, da sua retidão de julgamento, de sua palavra franca e o acolhimento às pessoas”. P. 20
- “Eu tenho sempre diante dos olhos seu rosto austero, mas bom e sempre acolhedor, que por vezes nos repreendia com o olhar, num domínio absoluto de si”. p. 23
- Ele escreveu: “Nesses dias não podemos esquecer os mártires da Espanha católica nem o caminho da cruz dos Poloneses, nem aquele dos Mexicanos e dos Russos que dura há muito tempo. Rezemos pela Igreja, pelo Papa, pela Polônia católica e torturada, por nossa Pátria, pela Europa atormentada, pelo Instituto, o Distrito, os Superiores e nossos pais. Deus guia os acontecimentos e os homens. Estamos em boas mãos...”. p. 25
- Na oração ao Senhor ele lhe diz: “Tenho sede de verdade, de vida, de luz, de bem, de amor. E tu és



a fonte, o oceano e todo bem... Contigo quero estar eternamente e com tua Mãe Imaculada”. p. 26

■ O Irmão Alfano era intelectualmente muito dotado. Aos 50 anos precisou aprender o latim e se tornou um professor excelente dessa língua. Era um homem de vontade, tenaz, sólido, de uma retidão e de uma grande cultura. Mas a alegria e a bondade eram também duas notas

características. Aqueles que o conheceram reconhecem: “Ele se mostrava afável, sobretudo nas relações interpessoais; durante as recreações e as caminhadas era muito agradável e de uma alegria contagiosa. Ele, que tinha um caráter forte, se tornava compreensivo com aqueles que se enganavam, sensível às necessidades dos outros, atento aos problemas daqueles que lhe eram próximos.” Aos irmãos chamados ao serviço militar, durante a primeira guerra mundial, ele enviava cartas cheias de novidades da congregação e de bons conselhos, mas acrescentava também dinheiro para que os dias de festa fossem mais agradáveis. Um dos seus discípulos escreveu: “A severidade do Irmão Alfano é um mito que foi criado na cabeça de alguns”. Se alguém entrava em diálogo com ele descobria um pai cheio de bondade, que sabia perceber no ar as dificuldades, e tinha para com todos uma palavra de conforto. P. 30, 42.

Testamento do Ir. Alfano

*J.M.J. — Vila Santo Estêvão
Ventimiglia*

2-4-1930

1. *Vela divina bondade não possuo nada pessoal. Tudo o que foi colocado à minha disposição me foi dado pelo Instituto e a ele pertence. Deo gratias!*

Neste Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria espero e desejo perseverar até à morte. Como será doce morrer como membro da Família da Santíssima Virgem Maria e sob a proteção dessa Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa. Podemos continuar felizes e confiantes nos braços de Jesus, de Maria e de José.

2. *Deixo alguns pobres escritos. Provavelmente seria conveniente e mesmo um dever queimar tudo. Mas os guardo e os considero como coisas que não são minhas; de tudo sou devedor ao Instituto; deixo a decisão com os Superiores. São papéis a serem queimados. Mas, se acreditam encontrar nesse grande amontoado alguma coisa que possa ajudar alguém, tanto melhor: laus Deo! Não tenho consciência de ter escrito por maldade, por falta de amor ou pela santa vaidade. Esse último sentimento é um puro dom da divina bondade do Senhor.*

3. *Confesso de ter podido, talvez frequentemente, contristado o coração dos meus veneráveis Superiores de muitas maneiras, e mesmo sem o saber e sem o querer, visto meu caráter muito imperfeito e minhas fraquezas: a todos eles eu peço muito humildemente perdão. Mas quero suplicar a todos os coirmãos de manifestar aos superiores um profundo respeito e uma perfeita docilidade, como prova de um bom espírito, reconhecimento, humildade e piedade. E para isso peço que todos rezem continuamente*

Testamento do Ir. Alfano

te por eles, para que o Bom Deus os bendiga, os reconforte e os assista. Esse espírito filial terá sua recompensa da parte da Virgem Maria por insignes favores espirituais e por um crescimento das virtudes maristas.

4. Peço também perdão a todos os coirmãos dos maus exemplos e dos desgostos que tenha causado, não importando de que maneira, mesmo involuntariamente e sem me dar conta. Entretanto, se eles desejarem me recomendar diante do Senhor, manifestarão para comigo uma grande caridade. Eu os agradeço por isso, e suplico ao Bom Deus que os recompense ampla e generosamente.

Suplico a todos de procurarem o próprio crescimento espiritual. A fome e a sede da Palavra de Deus é o sinal de que somos filhos de Deus. Os verdadeiros filhos de Maria se sentirão sempre mais felizes de lhe pertencer, e crescerão nos sentimentos de gratidão e amor para com ela.

Gostaria também, muito arduamente, que os Superiores, na sábia solicitude e sem limites, em todas as Províncias do Instituto marista, possam oferecer, de maneira adequada, uma sólida formação religiosa aos jovens aspirantes e aos jovens irmãos nas casas de formação e também depois. Sabemos muito bem que a grande atenção às fontes assegura a prosperidade futura de todas as casas, o crescimento de todo o Instituto e difusão progressiva do espírito de apostolado.

Trabalhando dessa maneira, o Venerável Fundador não deixará de sorrir do céu para aqueles que continuam sua obra, os abençoará e suavizará as dificuldades mais árduas.

Vaser Giuseppe Carlo
religioso — Ir. Alfano.

Conclusão

Muitos confrades e pessoas que o conheceram, gente de sua terra natal, onde perdura muita viva sua lembrança, voltaram-se para ele implorando graças ao Senhor e já existem testemunhas de favores atribuídos a sua intercessão.

É esse acontecimento que hoje nos enche de espanto: que um humilde e simples Irmão Marista tenha subido para exercer o papel de intercessor junto a Deus. Mas a admiração se transforma em forte estímulo quando pensamos que o que é notável no humilde filho do Vale de Aosta, é de ter vivido o ordinário de modo extraordinário!

Isto para nós cristãos é de grande consolação e ensinamento porque temos no Irmão Alfano um exemplo de coerência generosa até ao heroísmo ao cumprir todos os dias nosso dever, de amar a Deus por meio de Maria, na santificação de nosso “terrível cotidiano” e executando-o também nós de modo extraordinário: a vida de cada dia de pai ou mãe, de filhos na família, vivida em casa, no emprego, nos tempos de lazer, em toda a parte!

Nós, Irmãos Maristas, temos no Irmão Alfano o exemplo vivo de nossas Constituições e Estatutos, do amor incondicional a Marcelino Champagnat e àquele Instituto que todos os dias nos dá o “Pão de casa”, o exemplo do rosariano que sabe encher os momentos livres do dia, e aos outros em contacto com a Boa Mãe, para ser conduzidos ao Filho, Jesus, para aprender de Maria a prática da espiritualidade dos primeiros lugares: em Belém e Nazaré, no Calvário e junto ao Altar!

“Pão de casa”: esta simples expressão tão querida ao Irmão Alfano, torna-se para nós todos um convite e uma fórmula de santidade simples, sólida e segura que, por meio do caminho mais breve de Maria, nos conduz especialmente a Jesus.

(Pane di casa nostra, p. 45)



ORAÇÃO

*Senhor, que concedestes
ao Irmão Alfano
a graça de seguir fielmente
a Cristo pobre e humilde,
dando-lhe a vocação
de Irmão educador e apóstolo,
concedei-nos, por sua intercessão,
poder seguir generosamente
nossa vocação pessoal.
Concedei-nos também
a graça que hoje vos pedimos...
E vós, Maria, nossa Boa Mãe,
glorificai na terra
este vosso humilde filho,
que tanto trabalhou
para fazer-vos conhecida e amada.
Amém.*

Pai-Nosso, Ave, Glória

Venerável Irmão Alfano

Rogai por nós.

DADOS BIOGRÁFICOS

- 1873** 10 de setembro: Nascimento em Hône, Vale d'Aosta, Itália, de Giuseppe Carlo Vaser (Ir. Alfano).
- 1886** O pequeno Vaser vai a Saint-Paul-Trois-Châteaux.
- 1891** Emite o voto de obediência.
Ele é o primeiro irmão marista italiano.
- 1891-1903** Ensina no Colégio São Leão Magno e se apaixona pela cidade de Roma: a arte, a cultura, e a fé que essa cidade oferece.
- 1894** 16 de outubro: faz os seus votos perpétuos.
- 1903-1941** Ele será formador.
- 1907** Ele emite o voto de estabilidade.
- 1907-1922** Mestre dos noviços durante 15 anos. Durante esses anos ele recebe 226 noviços, dos quais 144 perseveraram na vida marista.
- 1925-1941** Diretor dos jovens irmãos para os estudos.
- 1920 e 1932** Datas de dois Capítulos gerais dos quais ele participou como membro eleito.
- 1909-1941** É Conselheiro provincial. Era apreciado por suas reflexões equilibradas, claras e seguras.
- 1943** 1º de março. Ele morre durante plena Guerra mundial.
- 1988** Seu corpo é transportado para Roma e repousa na capela do Colégio São Leão Magno.
- 1991** 22 de janeiro: A Igreja emite o decreto sobre a heroicidade das virtudes do Ir. Alfano, que recebe o título de Venerável.
- Em poucas palavras: O Ir. Alfano foi formador durante 35 anos, 32 anos Conselheiro provincial, numa caminhada regular para a santidade.



OS IRMÃOS MARISTAS

Uma Família sem fronteiras:

No Coração do Mundo, no Coração da Igreja.
4500 Irmãos, de todos os continentes, presentes em 76 países.
Trabalham como educadores cristãos
junto às crianças e aos jovens
para fazer deles gente, discípulos de Cristo.
Uma família religiosa que abre sua espiritualidade,
seu carisma e sua missão
a todos os cristãos que queiram viver
e colaborar com os Irmãos.

Guiados pelos princípios pedagógicos de Marcelino Champagnat:

- Para bem educar é preciso amar!
- Para bem educar é necessário formar a pessoa inteira:
o cidadão e o cristão!
- Para bem educar é necessário viver com os jovens!
- Para bem educar é necessário oferecer
a ternura paternal e maternal de Deus.
- Para bem educar é necessário deixar-se inspirar
por Maria, Mãe e Educadora do Cristo.
- Para bem educar é necessário conservar o coração
aberto às crianças e aos jovens em dificuldade.

Guiados pela espiritualidade de Marcelino Champagnat

Vamos aos jovens porque nós próprios somos amados por Jesus:
Vamos aos jovens com o olhar voltado para Maria,
a Boa Mãe: «Nossa ação apostólica é participação
em sua maternidade espiritual». (Const. 84.)

Nosso lema é:

«Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus».

Com a ambição de Marcelino:

«Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos».

Com o objetivo de

«Tornar Jesus Cristo conhecido e amado».

Marcelino Champagnat (1789-1840)

Olhamos Marcelino, como o filho olha para seu pai, e aprende dele os valores essenciais.

Nele vemos:

- Um homem de fé, que vive na presença de Deus e que nEle vê o mundo.
Um homem cativado por Jesus e por Maria.
Um homem de oração. Um peregrino na fé.
Um coração apaixonado por Deus.

- Um pai que cuida dos Irmãos como seus filhos.
Um homem cheio de vigor e de ternura, que sabe cultivar a alegria e o bom humor.
Um coração paterno e materno.

- Um pastor que escuta e acolhe as pessoas.
Um apóstolo de coração ardente para anunciar a Boa Nova de Jesus.
Um amigo das crianças e dos jovens.
Um educador que sabe ser misericordioso e exigente. Uma pessoa criativa e audaz.
Um coração de apóstolo.

- Um homem que vê além de sua época.
Abraça o mundo inteiro em sua visão e prepara missionários.
Alguém que vive seu ideal com tal intensidade que muitos querem ser como ele e viver com ele.
Um coração sem fronteiras.



A canonização de nosso Fundador, 18 de abril de 1999, encheu-nos de muita alegria. Confirmou que o Padre Champagnat escolheu um caminho de vida.

Estamos mais felizes ainda ao ver que milhares de homens e de mulheres se apaixonam por sua pessoa. Marcelino sensibiliza igualmente membros de outras Igrejas cristãs e de outras religiões e até não-crentes.

O apelo do profeta Isaías dirige-se também a cada um de nós:

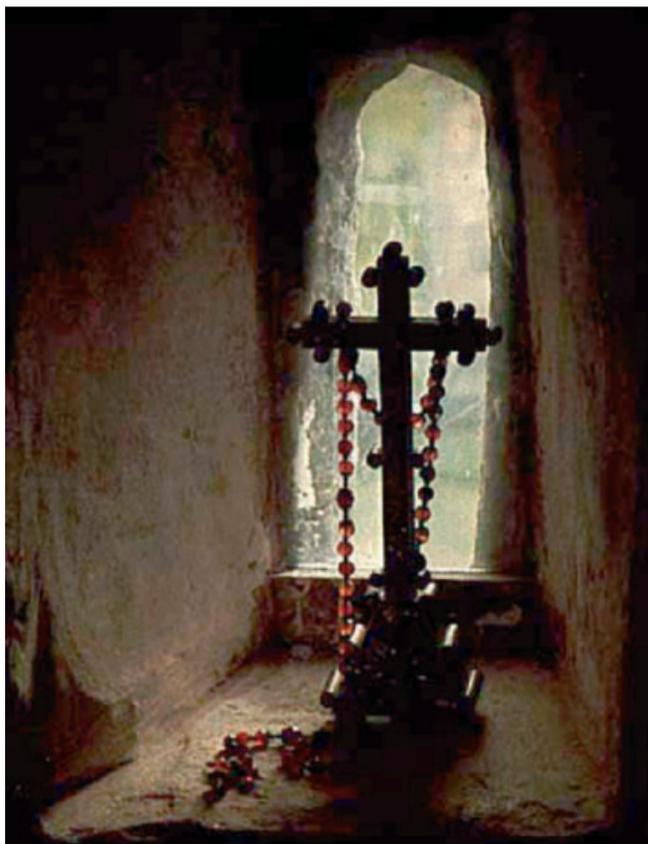
“Alarga o espaço de tua tenda ... pois há de transbordar para a direita e para esquerda” (Is. 54, 2-3).

O padre Champagnat é um santo para a Igreja e para o mundo.



ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Objetivo | 1 |
| As cartas | 2 |
| Alfano ao longo das cartas | 4 |
| 1. O estilo | 4 |
| 2. A afeição | 8 |
| 3. A afetividade invade o parágrafo final | 14 |
| 4. Um homem cordial e prático | 18 |
| 5. O humor | 24 |
| 6. Tudo está impregnado de uma visão espiritual das coisas | 28 |
| 7. Amor pelo Instituto | 34 |
| Testemunhos | 49 |
| 1. Testemunhos dos Irmãos | 49 |
| 2. Testemunhos dos antigos alunos | 52 |
| 3. Testemunhos dos teólogos | 52 |
| 4. Pão de nossa casa | 54 |
| Testamento do Irmão Alfano | 56 |
| Conclusão | 58 |
| Oração | 59 |
| Dados biográficos | 60 |
| Os Irmãos Maristas | 61 |
| Marcelino Champagnat | 62 |



Ir. Giovanni Bigotto, fms
Ir. Alfano Vaser... tão humano – janeiro de 2007
tradutor: Ir. Manoel Da Silva

Editor:

Irmãos Maristas – P.le Marcellino Champagnat, 2
00144 Roma – ITALIA
Tel. (39) 06 545171 – Fax. (39) 06 54517217
publica@fms.it – www.champagnat.org

Diagramação e Fotalitos:

TIPOCROM S.R.L.
Via A. Meucci, 28 – 00012 Guidonia (Roma), ITALIA.

Impressão:

C.S.C. GRAFICA, S.R.L.
Via A. Meucci, 28 – 00012 Guidonia (Roma), ITALIA.

Outros modelos de santidade marista

Ir. Bernardo

Ir. Francisco

Ir. Basílio

Ir. Henri

Ir. Crisanto

Ir. Lycarion

Ir. Eusébio

Ir. Laurentino

Ir. Virgílio

